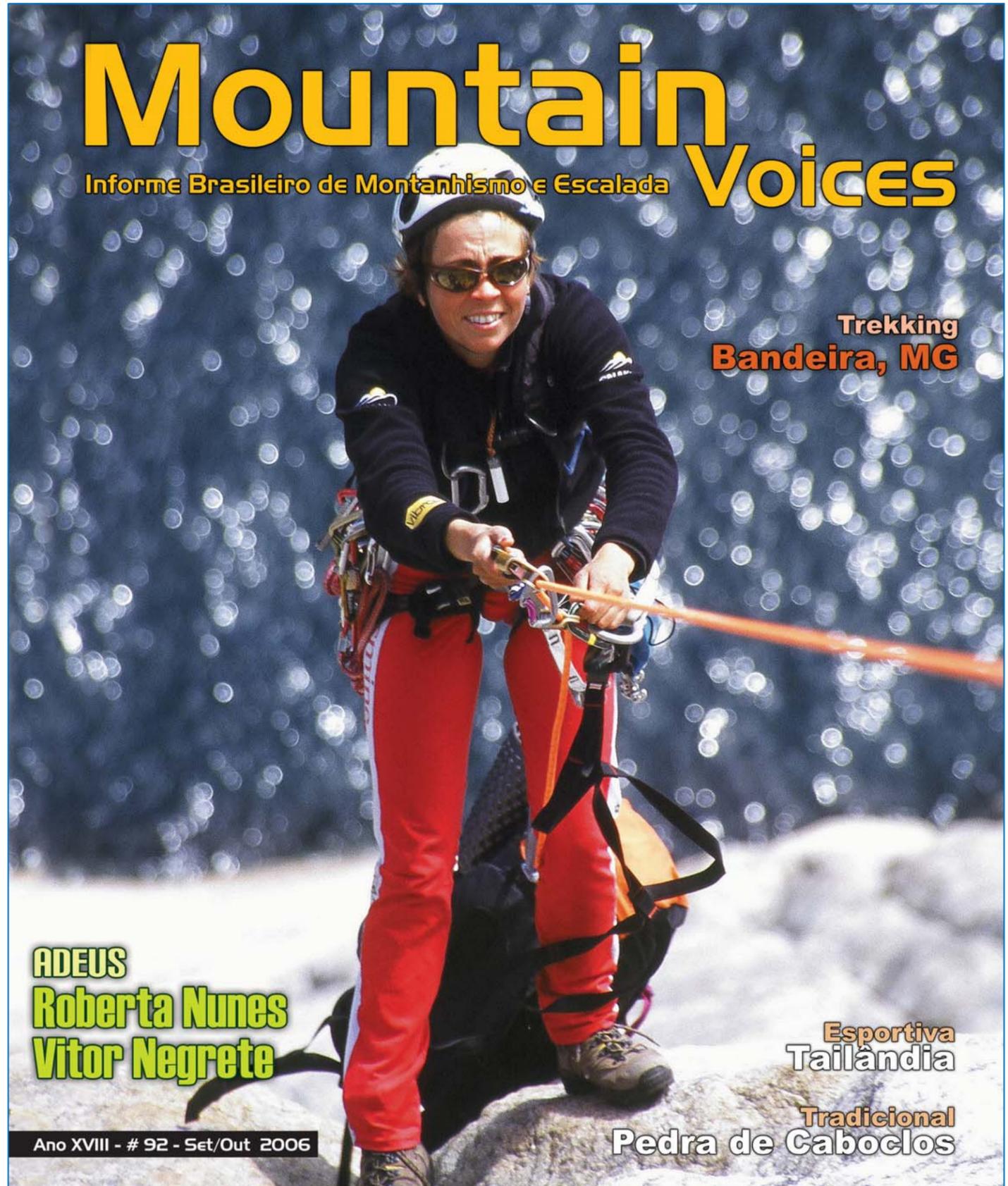


# Mountain Voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada



Trekking  
Bandeira, MG

ADEUS  
Roberta Nunes  
Vitor Negrete

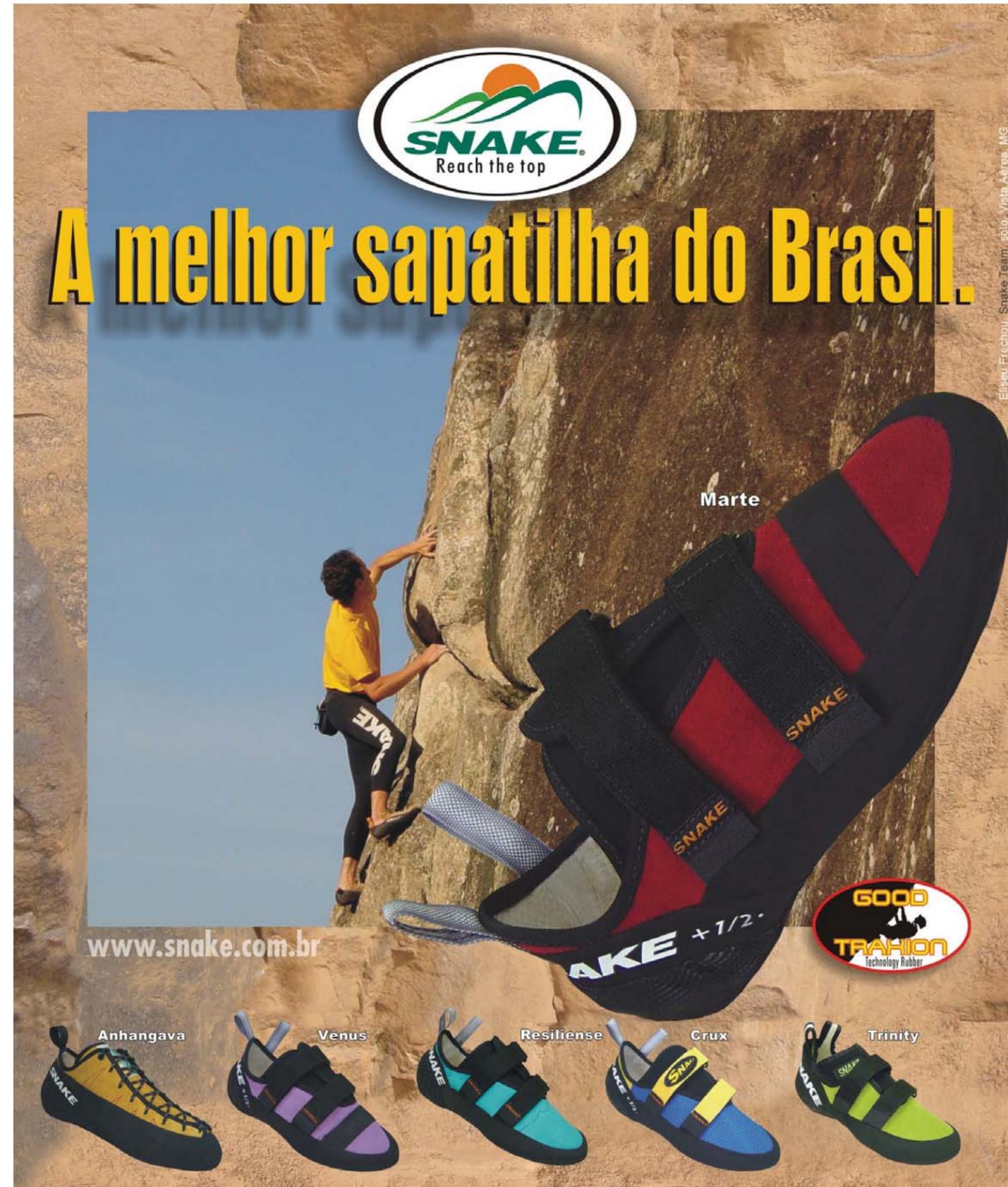
Esportiva  
Tailândia

Tradicional  
Pedra de Gaboclos

Ano XVIII - # 92 - Set/Out 2006



# A melhor sapatilha do Brasil.



Marte

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)



Eliseu Fréchou - Snake Team - solo - Vista Aérea - MG

Nova linha de cargueiras Curtlo 2007...  
...as mais leves da categoria!



Mountaineer 75 + 15L  
Peso: 2392g

Mountaineer 40 + 5L  
Peso: 2300g

Indústria Brasileira

CARGUEIRAS / VESTUÁRIO / POCHESES / USO DIÁRIO / BIKE / ATAQUE / HIDRATAÇÃO / ACESSÓRIOS Para maiores informações e onde comprar acesse o site:

www.curtlo.com.br

CURTLO

## Internacional

Everest alpino, Manolo retorna a cena, Bachar sofre acidente de carro, Potter manda *Separate reality* em solo....

ELISEU FRECHOU | SP



### ▶ Everest sem corda, oxigênio ou sherpas

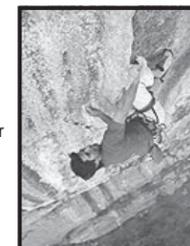
Os espanhóis Alberto Iñurategi (foto à esquerda), Juan Vallejo e Ferrán Latorre, já estão no Himalaia se preparando para ascender o Everest em estilo alpino pelo Corredor *Hornbein*, uma rota pouco conhecida e bastante difícil. Segundo Alberto Iñurategi, que já subiu diversas montanhas acima de 8.000m, esta escalada vai exigir muita resistência física e psicológica dos montanhistas, pois não há muitas referências em grande parte do caminho, o que facilita a perda do rumo.

### ▶ Andes sem gelo

Ricardo Villalba, Diretor do Instituto Argentino de Nivologia, Glaciologia e Ciências Ambientais terminou um estudo que mostra que a partir de 1986 o retrocesso dos glaciares dos Andes está cada vez mais acelerado devido ao aquecimento global. Ricardo cita como exemplo o Glaciar *Frias*, do Cerro Torre, que começou a retroceder em meados do século XVII. Até 1850, a velocidade foi de 2,5 metros por ano e a partir de então está aumentando cada vez mais. A evolução é espantosa e está seguindo da seguinte maneira: entre 1850 e 1900, 7 metros por ano; entre 1910 e 1940, 10 metros por ano e entre 1976 e 1986, 36 metros por ano!

### ▶ *Separate Reality* solo

O americano Dean Potter mais uma vez surpreende com seus solos: mandou em junho a terceira ascensão sem corda do famoso *Separate Reality* em Yosemite, um teto fendado de 8 metros e 5.11d (8a brasileiro).



### ▶ Mais um 8b+ onsight para Andrada

O espanhol Daniel Andrada (foto ao lado) acaba de mandar seu sexto 8b+ à vista com a cadeia de *Sur la route de Madison* em Rodellar. E sem descanso, Daniel ainda propõe outra via de 9a na mesma falésia, combinação de duas outras vias também suas: *Ali Babá* 8c+, e *Hulk* 8c, sendo sua décima via deste grau.

### ▶ Manolo volta à cena

O italiano Maurizio "Manolo" Zanolla encadenou uma nova rota nos Dolomitas da Itália de 4 enfiadas com crux de 5.14a a 5.14d e diversos lances entre 5.12d e 5.13 com grampos bastante distantes. Aos 48 anos, Manolo batizou a rota de *Solo per Vecchi Guerrieri* (Somente para Velhos Guerreiros).

### ▶ Correndo contra o tempo

Bean Bowers e Dave Nettle encadenaram uma ascensão livre de 11 horas na rota de 34 enfiadas *All Along the Watchtower* (VI 5.12-) na face oeste da North Howser Tower nos Bugaboos do Canadá. Os dois escalaram em simultâneo e solaram algumas enfiadas mais fáceis para conseguir este tempo.

### ▶ Bachar sofre acidente

A lenda viva da escalada tradicional americana John Bachar sofreu um acidente de carro em agosto passado tendo machucado o pescoço. Seu estado ainda é crítico. Bachar realizou nos anos 70 e 80 diversas escaladas solo em Yosemite e Sierra Nevada da Califórnia, o que o tornou uma personalidade internacionalmente reconhecida.

### ▶ VI Mostra Internacional de Filmes de Montanha no Rio de Janeiro

Estão abertas as inscrições para a mostra competitiva da 6ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha que acontecerá nos dias 10 e 11 de novembro, no Cine Odeon, Rio de Janeiro. A Mostra Competitiva tem o objetivo de estimular a produção de filmes sobre de esportes praticados na montanha como: escalada, montanhismo, base jump, esqui, snowboard, parapente, mountain bike, caiaque, expedições, entre outros. A inscrição para a Mostra Competitiva poderá ser feita até o dia 22 de setembro de, impreterivelmente. É gratuita e basta acessar o site [www.filmesdemontanha.com.br](http://www.filmesdemontanha.com.br) ler o regulamento e preencher a ficha de pré-inscrição e a ficha de inscrição. Contatos com Alexandre Diniz (21) 2179.6112 e-mail: [adiniz@9dproducoes.com.br](mailto:adiniz@9dproducoes.com.br)

## SUM assegurador/descensor de nova geração

É o único auto-blocante DINÂMICO no mercado.



Desafie seus Limites  
com o Máximo de Segurança

- ▲ Frenagem Progressiva.
- ▲ Possibilita dar corda em velocidade sem manter a alavanca pressionada.
- ▲ Maior segurança para o escalador e reserva de segurança das ancoragens.
- ▲ Baixa força de impacto.
- ▲ Pode ser utilizado tanto por canchotos ou destros.
- ▲ Permite uma descida progressiva e controlada.
- ▲ Testado intensivamente em laboratório e por escaladores.



Faders be one with nature  
Tel.: 11 4032 8688 www.m-arnaud.com.br

LANÇAMENTO 2006



## Crampon 68

Nossa mais nova cargueira, com bolso frontal destacável que vira uma pequena mochila de ataque com hidratação (cantil Hidrat 2 vendido separadamente).

Capa de chuva embutida.  
Fabricada em tecido Ripstop.

Trilhas & Rumos

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - CEP 25954-195  
(21) 2742-9652 - Fax (21) 2742-5781 - [sac@trilhaserumos.com.br](mailto:sac@trilhaserumos.com.br)



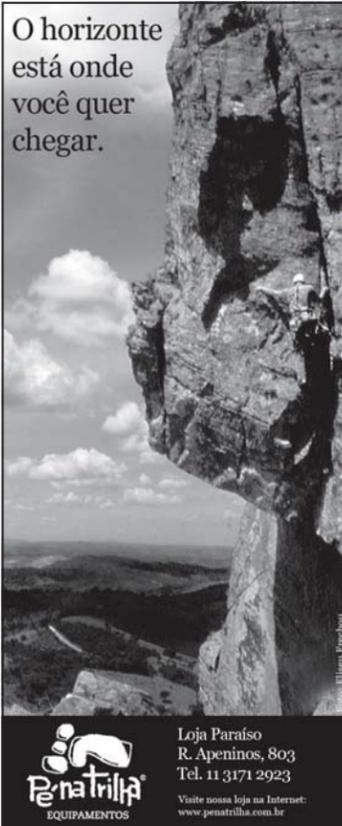
halfdome

Al. dos Nhambiquaras, 946  
tel. 11 5052-8082  
Rua Dr. Vila Nova, 321  
tel. 11 3255-4331

www.halfdome.com.br

Imagens Ilustrativas • Quantidades limitadas ao estoque da loja  
Promoção válida até 30/09/2006 • Preços à vista.

www.mountainvoices.com.br



## Segurança mecânica - II

Depois do Cinch da Trango e Grigri da Petzl, conheça o Sum da Faders.

ELISEU FRECHOU | SP

Dando seguimento ao artigo iniciado na edição passada sofre freios para segurança mecânica, apresento agora o Sum, novo aparelho da Faders que também tem muitas vantagens, assim como Grigri e o Cinch. Sua principal característica é a possibilidade de dar corda com velocidade sem a necessidade de manter a alavanca pressionada. A facilidade de colocação

da corda, torna o risco de erro praticamente nulo, o que é uma vantagem considerável. O aparelho tem uma aparência de ser muito robusto. O importador afirmou que foram realizadas 16 quedas de fator 2 realizadas com uma mesma unidade sem nenhum dano detectado, o que confirma isso. O Sum tem frenagem dinâmica, favorecendo a absorção de impacto e poupando o escalador, as cordas e as ancoragens.



## Encontros de Escalada no CE e RS

**Quixadá (CE)** - A cidade de Quixadá no Ceará se prepara para a realização do V Encontro de Escaladores do Nordeste, que acontecerá nos dias 07 a 10 de setembro. Este evento envolve montanhistas e escaladores interessados em conhecer a região, buscando nas montanhas as atividades desportivas. O encontro é um momento para troca de experiências, fazer novos amigos e conhecer os novos points de escalada do Nordeste. O potencial de Quixadá para escalada é enorme e encontra-se em constante desenvolvimento, buscando a integração

da comunidade, a apresentação das novas áreas e vias de escaladas e a troca de informações. Haverá durante o encontro uma palestra com o respeitado escalador carioca André Ilha, que conquistou dezenas de rotas pelo Nordeste. Contatos: (88) 8805-6399 ou 3414-3453 email:kidoaranhaquixada@yahoo.com.br e no msn: kidoaranha@hotmail.com.

**Caxias do Sul (RS)** - Acontecerá junto com a III etapa do Ranking Brasileiro nos dias 23e 24 de setembro. Só poderão participar atletas federados. O Route-setter será Ricardo Schen (CBME) e os juizes de prova serão

Ricardo Leizer (CBME) e Ígor Tschopke Goedel (ACM/FGM). Acontecerão palestras no sábado, dia 23 com Edemilson Padilha e Valdeir Machado, sobre a escalada do Cerro Fitz Roy, e com Thiago Balen - Atleta de destaque no cenário da escalada esportiva que conseguiu superar seus próprios limites e escalar a *Directa Challenger* 11a, localizado no Valle Encantado na Argentina. É esperada ainda a ilustre presença do patrono do montanhismo gaúcho, Edgar Kittelmann. Informações no link [www.acm-rs.org.br/festival2006/festival.jpg](http://www.acm-rs.org.br/festival2006/festival.jpg)

# O Brasil perde Roberta Nunes

MÁRCIO BRUNO OLIVEIRA | SP

Não quero falar de alguém, quero falar de algo, algo que muitos tentam explicar, (eu não tenho essa pretensão), muitos vivem mas poucos realmente entendem e mais ainda, fazem bom uso dele, eu quero falar da paixão. É sim da paixão, paixão de homens e mulheres, paixão pela vida, pelos sonhos, pelas montanhas, escaladas, essas coisas que ninguém racionalmente poderia explicar, mas tentam e que quando nos acometem vem de forma devastadora para mudar as nossas vidas. Numa dessas noites de sábado em que um escalador deveria estar na base de algum bivacaço se encontrava eu no conforto do meu lar (assim como nesse momento) preparados para o que eu chamaria de uma viagem à monotonia, pizza sobre a mesa, uma garrafa de vinho e um DVD sobre a vida de Vinicius de Moraes, quem diria, um fã de Rage Against the Machine prestes a desvendar os segredos de um ícone da MPB, nossa não posso nem esperar... Surpresa a minha, a vida do cara tem muito a ver com a de todos nós e apesar de Vinicius ser provavelmente um avesso a natureza e a pratica esportiva, ele era um apaixonado, apaixonado pela intensidade da vida e pelas coisas de que gostava, capaz de se casar nove vezes de reinventar a sua musica por toda a carreira e de aglutinar ao seu redor um grupo gigante de admiradores, as pessoas gostam de ouvir as palavras de um apaixonado,

elas são sempre intensas, nos enchem de vida e vontade de tentar uma vez mais, o que seria o montanhismo se não a mais pura combinação de paixão e razão, ambos se degladiando para tomar o maior espaço em nossas mentes, ações e reações, a escalada de montanhas é uma rainha das paixões, neste quinze anos de escalada tenho visto muitos apaixonados, pessoas que por algum tempo se entregam de corpo e alma, perdem peso, compram equipamentos, mudam até de carro, a escalada é assim mesmo, muda à vida das pessoas, outros, como que seguindo os passos da vida, transformam a escalada em amor, mantém uma relação duradoura, quase sempre sadia e como em uma relação matrimonial, diminuem a "frequência", mas não podem viver mais sem ela (acho que eu me incluo nesta categoria) mas existe um grupo, talvez muito seletivo e de alguma forma apresentado, em que a escalada renasce a cada fase, como se as montanhas fizessem o papel das paixões, essas pessoas amam as montanhas e são apaixonados por cada escalada individualmente, como se cada rota, cada movimento, e cada cume fosse o mais importante e melhor de suas vidas, reinventam a escalada, trafegam de uma modalidade a outra se dedicando de corpo e alma a cada uma delas. A uns 12 anos atrás eu conheci o que para mim foi um dos maiores exemplos de uma pessoa apaixonada, ela tinha os olhos e a pele clara, se movia pela rocha com a familiaridade de quem anda pela

praia e encarava os passos mais duros e os lances mais expostos com a destreza que para mim era exclusiva dos escaladores homens, o tempo o acaso e para alguns, o destino, nos transformou em amigos, na medida em que essa menina envelhecia assim como nos bons vinhos, a sua técnica, confiança e forma física só evoluíam e a única coisa que não mudou foi a paixão, a paixão que estava nos seus olhos a acompanharam até o nosso último encontro, ela passou de amiga a fonte de inspiração, dos big walls brasileiros e californianos as escaladas patagônicas, dos bolders no Anhangava ao fast climbing Yosemiteito, das fêlésias em São Bento do Sapucaí a abertura de uma rota feminina em Bafin e de tudo isso a um relaxado churrasco com slack line, um dos nossos últimos encontros, ela sempre foi a Robertinha apaixonada Nunes, que contrariando a cultura de nosso país foi a mais completa escaladora brasileira, alguns podem discordar do tempo que esse título pode durar, mas uma coisa eu duvido, o título de apaixonada ninguém vai levar, de alguma forma estamos órfãos, órfãos de uma escaladora que sempre nos surpreendia e que puxava os limites do esporte em termos absolutos, não precisava se vender como mulher escaladora, apesar de por muitas vezes receber certa notoriedade por isso, ela só precisava viver, viver da maneira que mais queria, entre as montanhas e amigos, assim como nas paixões que nos levam a pular muros e roubar flores, Robertinha



viajava, viajava com ou sem dinheiro, viajava com ou sem amigos, por que o que ela queria era encontrar a montanha e lá se desafiar e se encontrar mais e mais, em um país onde a mídia concede louros a maior gama de marketeiros de plantão, cabe a nós montanhistas reverenciá-la e manter a estória bem sucedida de quem provou que renunciar as paixões pode não ser um bom negócio, contrariando a lógica racional ela foi vítima do que a todos parece ser seguro e mostrou que o que pode não parecer seguro vale a pena quando é feito com paixão.

Valeu Robertinha!

## Retorno sem meu amigo

O montanhista brasileiro Rodrigo Ranieri conta suas impressões sobre a escalada no Everest que tomou a vida do amigo Vitor Negrete.

RODRIGO RAINIERI | SP

Estou de volta ao Brasil, ao meu trabalho, mas uma vez procurando adaptar-me ao dia-a-dia, depois de experiências muito fortes, marcantes e desta vez muito, muito tristes, na montanha. Gostaria de agradecer mais uma vez a todos os familiares e amigos que ligaram e mandaram mensagens de apoio e incentivo. Vocês me ajudaram muito sempre, nos melhores e nos mais difíceis momentos! Sempre nos preparamos muito para ir: estudamos, treinamos, planejamos, pensamos durante muito tempo na expedição que faremos. Durante a escalada existe o processo de aclimação, onde precisamos subir e descer várias vezes da montanha, indo cada vez mais alto, para deixar o organismo apto a enfrentar o ar frio, seco e rarefeito das grandes altitudes, e isto leva tempo. Durante uma expedição vivemos intensamente! "Os dias que estes homens passam nas montanhas são os dias que realmente vivem!" chegaram a escrever. É um esforço incrível, suportado através de uma ajuda mútua, em um ambiente hostil e com experiências extremas. A convivência com outras culturas, com modos de vida, valores e crenças completamente diferentes dos nossos é enriquecedor. Quando partimos para uma expedição a expectativa de todos, principalmente dos que convivemos diariamente, é que voltemos exatamente



Rodrigo e Vitor

dormir tranquilo. Uma mesa com saladas, frutas e carnes. Um rodízio!!! Nossa, como precisamos de tão pouco para sermos felizes. Um abraço no filho, um beijo na amada. Existe algo melhor do que isto? Como é bom estar de volta, para tudo aquilo que apreciamos verdadeiramente. Isto pode nos passar despercebido porque vivemos com tudo isto diariamente e nos acostumamos, deixando de perceber o real valor das coisas mais simples. Jamais seremos os mesmos depois de uma expedição de verdade à uma grande montanha. Todo alpinista sabe disto. Vivi grandes e bons momentos com amigos de verdade nas montanhas. Vivi maus e terríveis momentos com amigos de verdade nas montanhas. Jamais serei o mesmo depois do Everest 2006. Parte de mim também ficou no Everest, assim como no Aconcágua, no Condoriri, no Tronador. Toda vez que exponho meu corpo ao ar rarefeito sei que estou perdendo neurônios, cabelos, vitalidade. Parte se regenera, parte perdi para sempre. Mas a pior perda foi a da minha outra parte. Meu maior parceiro e amigo ficou na montanha, para sempre. Olho a montanha, vejo duas imagens. Odeio a montanha pelo que aconteceu. Amo a montanha, pois é lá que meu amigo está. É lá que meus amigos vivem intensamente. É lá que aprendem o real valor das coisas. Fomos em dupla, voltei só. A volta é um grande desafio!

"A caderna da Directa Challenger foi algo impressionante. Nunca esigi tanto da mente e do corpo... lutei muito para mandar esta via... Até agora não consigo acreditar que consegui vencer aquela botalha. Uma botalha totalmente no limite. E segue uma sensação indescritível que me enche de alegria e bem estar..."

Thiago Balen, Bariloche - 2006  
Directa Challenger = Fr 8b+/8c  
Apoio SOLO

[www.solobr.com](http://www.solobr.com)

Roupas especiais para momentos especiais.

**SOLO**  
Mountain Sport Apparel

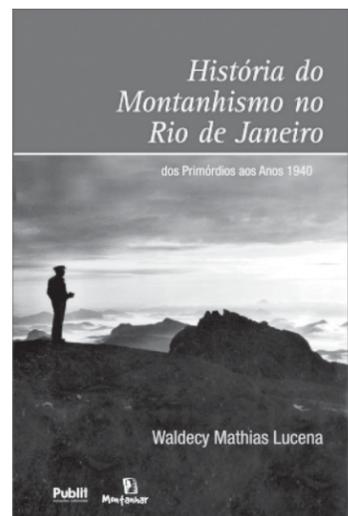
## História de Montanhismo

Com lançamento quase simultâneo, dois livros de montanhistas cariocas, contam a história dos primórdios na escalada no Brasil. Leitura obrigatória.

PRISCILA BOTTO | RJ

Mais um livro de montanhismo foi lançado. Trata-se de **Horizontes Verticais**, uma produção independente do escalador Jean Pierre von der Weid. Relatos e reflexões sobre a Montanha e a escalada. Aventuras, sonhos e lembranças fortes que vieram de longe acompanham o autor até hoje. Escaladas, desafios e conquistas no Espírito Santo, Salinas (Nova Friburgo) e Minas, com os croquis das principais vias. Retratos de pessoas e lugares distantes, remotos no tempo e no espaço, momentos de medo, coragem, alegria e decepção. Histórias de acampamento, à luz do lampião e ronronar do fogareiro. Sabor de café e conversa, na casa do sertanejo simples que se tornou amigo por sua índole franca e admiração ao ver montanhistas lutarem tanto por algo incompreensível ou inútil aos olhos de um qualquer: chegar lá em cima! O livro tem 168 páginas e pode ser adquirido no site: [www.montanhar.com.br](http://www.montanhar.com.br) ao preço de R\$ 40,00.

dos por seus feitos, que escreveram a história do montanhismo. O livro tem 220 páginas, 156 fotografias e foi lançado pelo Selo Montanha. Trata-se do primeiro livro sobre o tema a ser publicado no país e é, portanto, imperdível.



**História do Montanhismo no Rio de Janeiro**, de Waldecy Mathias Lucena, aborda desde os primórdios até a década de 40, a Era da Consolidação deste esporte. Trata-se de um livro onde se fala das técnicas e materiais empregados na escalada ao longo de sua evolução, fatos e curiosidades que marcaram o passado das ascensões a montanhas, mas principalmente de homens, verdadeiros heróis, alguns anônimos até aqui, outros esquecidos ao longo do tempo, todos revelados pelo autor e valoriza-

BD03 - BANDOLEIRA AF01 - ALFORGE PARA BIKE MG03 SCO MAGNÉSIO

ES01 - ESTRIBO

CB02 - COLCHAO

M10 - M. ITUPAVA M09 - M. VERGLASS M02 - MOCHILICA

**LINHA MONTANHA**

20 anos

**ALTO ESTILO**

[www.altoestilo.com](http://www.altoestilo.com)

**FABRICADO NO BRASIL**

# Maurício “Tonto” Clauzet

Estamos iniciando uma nova coluna de entrevistas no MV. Vamos conversar com escaladores que admiramos e que fizeram e fazem história no montanhismo, procurar trazer um pouco da experiência e das histórias que todos gostamos tanto de ler...

MÔNICA FILIPINI | SP

Nesta primeira entrevista, tive o prazer de conversar com um escalador muito respeitado e também muito querido pela comunidade de montanha, Maurício Clauzet, ou simplesmente “Tonto”. Paulistano de nascimento, mestre formado em engenharia, começou a escalar em 1989, quando conheceu o Cuscuzeiro em Análândia interior de SP lugar onde morou durante algum tempo, famosa época dos equipamentos escassos... Fundador da Sagarmatha Trek, atual Saga Trek, juntamente com Luiz Martinez e fundador do site Hang On junto ao Flavio Doce. Editou o Guia de Escaladas do Cuscuzeiro (o guia ainda existe só no formato on-line dentro do Hang On), organizou diversos eventos de escalada, entre eles os Encontros de Escalada de Análândia em 97 e 98. Sempre gostou muito de viajar, e sempre buscou escalar em suas viagens. Em 93 viajou por 4 meses na América do Sul, descobrindo a vida na estrada e buscando a escalada. Da Patagônia ao Titicaca, só por terra, escalou bastante em rocha mas foi na Escalada do Vulcão Osorno 2652m que teve seu primeiro contato com os glaciares e a escalada em gelo onde subiu duas vezes em poucos dias, uma delas solo. Morou na Irlanda em Dublin por 6 meses, onde conheceu a escalada em móvel, pois lá predomina a ética de conquista inglesa. Depois morou pouco mais de um ano nos EUA, onde além de trabalhar sempre buscou a escalada. Destaca a Escalada do Liberty Bell 2380mts North Cascades National Park próximo a Seattle-WA (escalada em rocha alpina) com Edu Zebu. Index, nos arredores de Seattle. Pôde provar algumas esportivas em Smith Rocks (Oregon), o arenito de Castle Valley (Utah), e muito pouco na Meca: Washington Column South Face e Nut Cracker basicamente em Yosemite National Park. Escalou o Monte Elbrus 5642m na Rússia, no Cáucaso em 97 com o Johnny e o Luiz Alberto.

Apaixonado pelo Cerro Catedral na Argentina, já esteve lá 5 vezes e quer voltar mais vezes. Conheceu o Vale do Cerro Trinidad, Cochamó – Chile. Também escalou na Nova Zelândia e Austrália, em Moonaire, Mt. Arapiies e Grampians, por onde passou viajando 10 meses, o projeto Mala e Cuia. Sempre tentou escalar por diversos locais do Brasil, mas foi a Pedra do Cuscuzeiro (Análândia – interior de SP), onde aprendeu a escalar, equipou e abriu diversas novas vias, organizou e ralou muito em mutirões por lá. Atualmente mora em Curitiba, trabalha como filmmaker, como professor universitário, responsável pelo site Hang On e a Hang On Filmes de Montanha. Ah! E como não podia deixar de ser ... escala!

Algumas vezes durante sua vida como escalador você entrou em conflito entre trabalhar ou não com escalada e atividades ao ar livre, trabalhar ou não com sua profissão de formação. Este tipo de conflito tem se tornado frequente entre muitos escaladores, como foi esta experiência e o que te guiou nas tomadas de decisão?



Na época que eu morei em Análândia eu vivi exclusivamente de remunerações vindas da escalada, por 1 ano e meio, 2 anos. Me recordei de trabalhar relativamente bastante, viver sempre meio na estica... e relativamente escalei pouco, eu dependia muito de trabalhar no fim de semana. Bom, esse contexto mais a pira que eu e a Lisete tivemos de chutar tudo, fechar o barraco e viajar de bicicleta por 10 meses na Austrália e na Nova Zelândia. E para isso a gente precisava de grana. Meio que coisas da vida surgiu meu primeiro trampo de professor Universitário. E depois um projeto por tempo definido em Sampa. Bom, eu peguei tudo, e passei 9 meses viajando 900Km por semana. Bom, 10 meses na estrada, sem casa, com muito pouca coisa, buscando points de escalada alucinantes.... Eu tava lá graças ao meu lado engenheiro. Me parecia uma troca bem justa. Na NZ que ficamos 6 meses, só carregamos a Na NZ que ficamos 6 meses, só carregamos a que dava para levar nas nossas 2 bikes. Nos 4 meses de Austrália tudo que tínhamos cabia no nosso Subaru 79... Todas vezes que trabalhamos nesse tempo ou foi de forma voluntária ou por teto e comida. De volta pro Brasil, sem casa ou sequer vínculo algum e com o que tínhamos de móveis espalhados por 3 cidades... Acabamos em Curitiba. Nesses anos de Curitiba é que os filmes vieram forte. Eu tive uma época de trabalho alucinado na Universidade. Bem punk mesmo, mas tava encarando na boa, até que nas férias passei vários dias no Cerro Catedral depois a Karinoska, o Dalinho e a Rober me apanharam em Bariloche e me projetaram diretamente para Cochamó com uma câmera na mão. Do alto das montanhas pude ver que tinha muita coisa errada lá embaixo. Levei ainda mais um semestre até conseguir ajeitar a vida.... Hoje em dia, trabalhar com filmes de montanha no Brasil é real-

mente meio impossível. Dos que trabalham, quase dá para contar em uma mão. Enfim, difícil falar em conflito como colocado na pergunta... Eu diria que as coisas existem dentro de mim e hora a força engenheirística/teacher tem mais força, hora a montanha e os filmes... E assim vai nesse balanço, mas sempre equilibrado pela escalada e pela montanha. Vejo muito isso como o que é capaz de te dar equilíbrio e/ou força para passar por situações realmente difíceis na sua vida. Minha paixão é sem dúvida a montanha. Eu gostaria de poder estar mais na montanha, e harmonizar isso com fazer filmes... enfim, a vida é uma eterna busca de não sei o que. Eu ando buscando...

**Como você vê o desenvolvimento e a representatividade do montanhismo no Brasil hoje em relação à época em que começou a escalar? E fora do Brasil?**

Apesar de já ter escalado muito no exterior, tive pouco contato com federações e clubes, mas em vários points que passei pude conferir o trabalho ligado a preocupação ambiental e preservação dessas entidades de escaladores. Lógico, no primeiro mundo a questão dos recursos (ou da falta de) dessas entidades provê coisas diferentes da nossa realidade aqui. No entanto, há um ponto comum que é o amor a montanha e a liberdade de poder escalar-las que é comum aqui e lá. O dia que o escalador entender que em última instância a prioridade deve ser a preservação das montanhas e da nossa possibilidade de ir lá e escalar-las sem F com tudo. E que diferenças e rixas muitas vezes são pequenas perto disso. E que se neguinho ficar numas de brigar por pouco, de ser incapaz de sentar e conversar, vai ficar todo mundo chupando o dedo e vai ter que construir um muro no quintal... Obviamente hoje é muito melhor do que em 89... Temos hoje federações estaduais que em alguns casos são fortes, conseguem dialogo no legislativo e executivo... O pessoal tem que se ligar que as leis que podem proibir a gente de escalar **naquele** lugar vão vir de cima. A CBME está aí, mas como eu disse, seu fortalecimento só quando todos entenderem o tamanho dos problemas.

Sobre a questão de aprender a escalar, e do acesso ao equipamento, e a própria troca de informações não há comparação. Antes o equipo era só quando algum brother ia para o exterior. Hoje temos tanto livros técnicos acessíveis, inclusive os importados, e livros sobre a história e o desenvolvimento do esporte no Brasil. Outra história... Sem contar com veículos ligados a internet, como sites e grupos de discussão. Nossas primeiras escaladas no Cuscuzeiro foram com 1 mosquetão de rosca, 1 oito, 2 cadeirinhas feitas com faixas de karatê amarradas (duplas, claro!). Agradeço por eu e os colegas dessa época estarem vivos e inteiros, e inclusive na lista está o Fábio “Vovozinho” Favaretto, que é constantemente parceiro de escalada aqui em Curitiba hoje em dia.

**Algum projeto pessoal ou de montanha para o futuro?**

Eu pessoalmente gostaria de neste verão, quando terei férias, poder dar uma passadinha no Cerro Catedral e ir para Chaltén. Estou realmente apaixonado pelas agulhas patagônicas, já fiz muitas imagens realmente de tirar o fôlego lá... Quero escalar lá, quero filmar lá, mas realmente eu não estou nem em condições de fazer planos no momento. Algum dia sonho escalar algum 8000m. Algum dia quem sabe. Tá aí o Irivan Burda, Dr brother para inspirar a gente aqui bem de perto...

**Das escaladas que você já realizou, qual delas foi mais exigente tecnicamente? Psico? Porque?**

É uma pergunta difícil de responder por quem escala há 16 anos e já passou por muita coisa

diferente... Já quase morri no Cuscuzeiro, que era o quintal da minha casa... Escalar na Irlanda foi um desafio forte, pois eu não tinha praticamente nada de pratica de móvel, e de repente tava escalando lá que não tinha (nem fudendo) grampo nem na parada. Isso com um rack que tinha só um Camalot 0.75, o resto era só de excentrics e nuts, e ao mesmo tempo trombava com uma grizada fazendo curso básico e aprendendo a montar o top rope usando só móveis. E eu lá me borrando com os moveis pela Irlanda. Em homenagem a esta fase na volta eu abri a Irish Jararaca, que eu ficava lembrando da fendinha lá da Irlanda. Pô tive que vir aí e abrir a via né. Não sei acho que quando a escalada é algo que você tem na sua vida há muito tempo, sempre recebendo muito valor, muita importância, de você - a gente olha para trás e vê que já atravessou diversas fases e cada uma é representada por uma descoberta ou com fazer algo exigente, algo que você teve que se dedicar para superar, que te leve a realmente negociar de perto com seu limite. Citando aqui uma frase da Roberta Nunes que tem tudo haver com isso “são situações extremas que nos fazem repensar o que realmente vale a pena”.

**Apesar de não morar mais por lá, você ainda é uma referência para os escaladores da região de Análândia. Como você enxerga a situação atual do Cuscuzeiro?**

O Cuscuzeiro e o Camelo são lugares muito especiais por si só, algo de energia, de força, de cor de verticalidade. Para mim isso é “agravado” pelo fato de ter sido lá que iniciei a escalar. Vi o Cuscuzeiro passar por 3 incêndios e o Camelo por 1. Fora os anos que estive no exterior, tenho um compromisso que mantenho de uma vez por ano ir no Planalto do Itatiaia e uma vez por ano no Cuscuzeiro. São os lugares que me forjaram como escalador. Trocando uma idéia com a galera sobre os mutirões da última vez, há tipo um ano, senti um pouco uma postura da galera a respeito dos mutirões das trilhas, etc, que tipo: “Pagamos para entrar e o cara não faz nada e ainda vamos vir aqui e ficar fazendo trabalho de peão e de graça...”

O dono, que tem o estacionamento e cobra para entrar, seu Odair amigo que eu respeito e considero bastante conversável, está acomodado no fato de ter muito mais rendimento com o público que fica no estacionamento lá embaixo ouvindo som do carro e tomando cerveja e comendo petisco. Seu Odair já plantou muita muda lá, já esteve comigo em combate ao incêndio, e sabe o quanto nós escaladores gostamos do lugar. Eu sei que o CUME tem o Cuscuzeiro no Adote uma Montanha, o que eu acho que está faltando é mais articulação do pessoal para reverter esse quadro no Cuscuzeiro.

Enfim, acho que a situação atual não está muito legal é para o Cuscuzeiro e para os próprios escaladores. Das últimas vezes que estive lá achei as trilhas bastante judiadas. E repito aqui o que eu sempre falo para o Odair, precisa fechar os lugares por onde as vacas furam do pasto para a manhã e encostas do Cuscuzeiro. É muito estrago! Enfim, acho que falta um pouco mais de união da galera, não só lá, mas em toda parte, em torno dos points que são os seus “quintais”. Também tem um lance de mudar a forma de encerrar as coisas, por exemplo, encerrar tratar do point de escalada com carinho e se envolver com ele, com os problemas dele, com os problemas e impactos que o próprio escalador gera... encerrar tudo isso como algo legal, não um saco, algo tão legal como passar um domingo perfeito no Cuscuzeiro, sem nuvem, com vento e temperatura amena lá no inverno e perceber que está com os dedos finos, como que lixados, enquanto assiste o por-do-sol no cume...

# Pedra Partida

KETHER ARRUDA | SP

A Pedra Partida é um novo local de escalada que está sendo desenvolvido pela Associação da Montanha, e já faz parte do Programa Adote uma Montanha (PAM) da CBME e fica entre Bragança, Atibaia e Campinas, o que facilita aos montanhistas destas cidades e até de São Paulo chegarem ao pico. Além de abrir um lugar novo, com novas vias e desafios, também procuramos diminuir o fluxo de pessoas que vão ao Visual das Águas. O Visual está sofrendo com o excesso de visitantes. Se o Visual é o campo-escola básico, com vias na sua maioria de graduação baixa e proteções fixas, a Pedra Partida pode ser considerado um campo escola avançado onde proporciona ao escalador fendas com proteção móvel, chaminés bem ao estilo Dedo de Deus, com proteções em árvores e peças móveis, tem escaladas de alto nível técnico nos negativos, muitos boulders para quem quer ganhar força e técnica, também tem vias em proteções fixas com graus a partir de 4º até 9º confirmados.

Pela sua geografia proporciona locais sombreados o dia todo, abrigo contra chuva embaixo do negativo e locais planos, confortáveis para lanchar e descansar. As conquistas começaram em 1998, mas só foram retomadas no final de 2005. Temos muito o que abrir, mas já contamos com 13 vias e dezenas de problemas de boulder que vão desde 1m até 6m de altura e graduação V0 a V10. As vias têm de 8 a 30m, mas o predomínio é de vias curtas com graus de dificuldade técnica maiores. Já temos 9º e prováveis V10. Tudo protegido com os melhores grampos P galvanizados de ½ polegada seguindo a tradição e os critérios de segurança locais.

Descrição das Vias:

*Café Caipira* - 4º V (E1) - 06: Kether Arruda, Ana Paula G. Panizza e Hiuran J. de Castro. Proteções: 6 costuras.  
*Ban Chá* - 6º Sup - 06: Kether Arruda e Ana Paula G. Panizza. Proteções: 6 costuras.

*Aracnofovia* - 3º V - 06 - Rapel pelo Diedro da Coruja: Kether Arruda, Ana Paula G. Panizza e Carlos Freitas. Proteções: móveis ( friends médios/grandes), parada fixa.

*Wolverine* - 7º - 06 - Proteções móveis, entalamento em fenda: Kether Arruda, Ana Paula G. Panizza e Carlos Freitas. Proteções: friends médios/pequenos.

*Diedro da Coruja* - 3º - 06: Kether Arruda, Ana Paula G. Panizza e Carlos Freitas. Proteções: móveis ( friends médios/grandes e nuts), parada em grampos.

*Variante da Coral* - 3º V (E2) - 06: Kether Arruda e Ana Paula G. Panizza. Proteções: fitas longas nas árvores e parada em móvel, nuts, rapel pela via Cham. da Árvore.

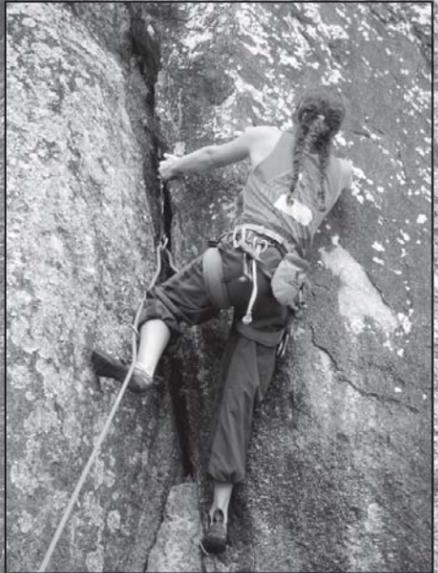
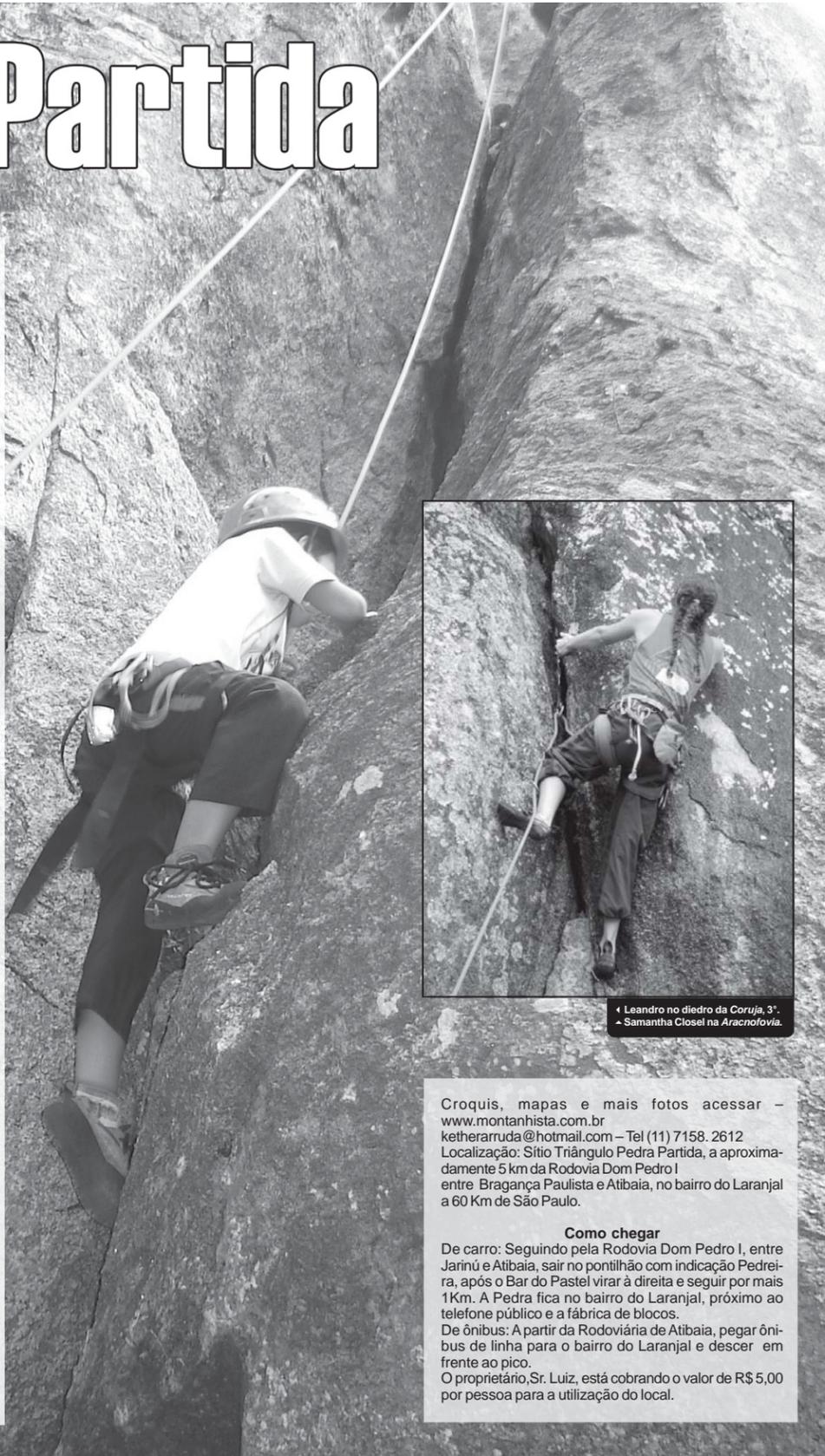
*Chaminé da Árvore* - 3º - 06: Kether Arruda e Hiuran J. Castro. Proteções: 3 fitas na árvore, 1 grampo. Rapel da parada pelo negativo.

*Vacas Coisvirias* - 8c, 9a,? - 06: Kether Arruda, Ana Paula G. Panizza, Samantha C. de Mello, Andreas Koberle, Rodrigo Vasconcellos e Hiuran J. Castro. Proteções: 5 grampos.

*Do Chão não Passa* - ? - 98. Diedro vertical que ainda é projeto, pois ninguém “saiu” do chão.

*Só Voando* - ? - 98. Via vertical em regletes, onde seu último lance ainda é sonho.

*Bode Louro* - ? - 98. Apesar de ter saído, ainda não rolou cadena, possível 9c.



◀ Leandro no diedro da Coruja, 3º.  
▶ Samantha Cisol na Aracnofovia.

Croquis, mapas e mais fotos acessar – [www.montanhista.com.br](http://www.montanhista.com.br)  
ketherarruda@hotmail.com – Tel (11) 7158.2612  
Localização: Sítio Triângulo Pedra Partida, a aproximadamente 5 km da Rodovia Dom Pedro I entre Bragança Paulista e Atibaia, no bairro do Laranjal a 60 Km de São Paulo.

**Como chegar**

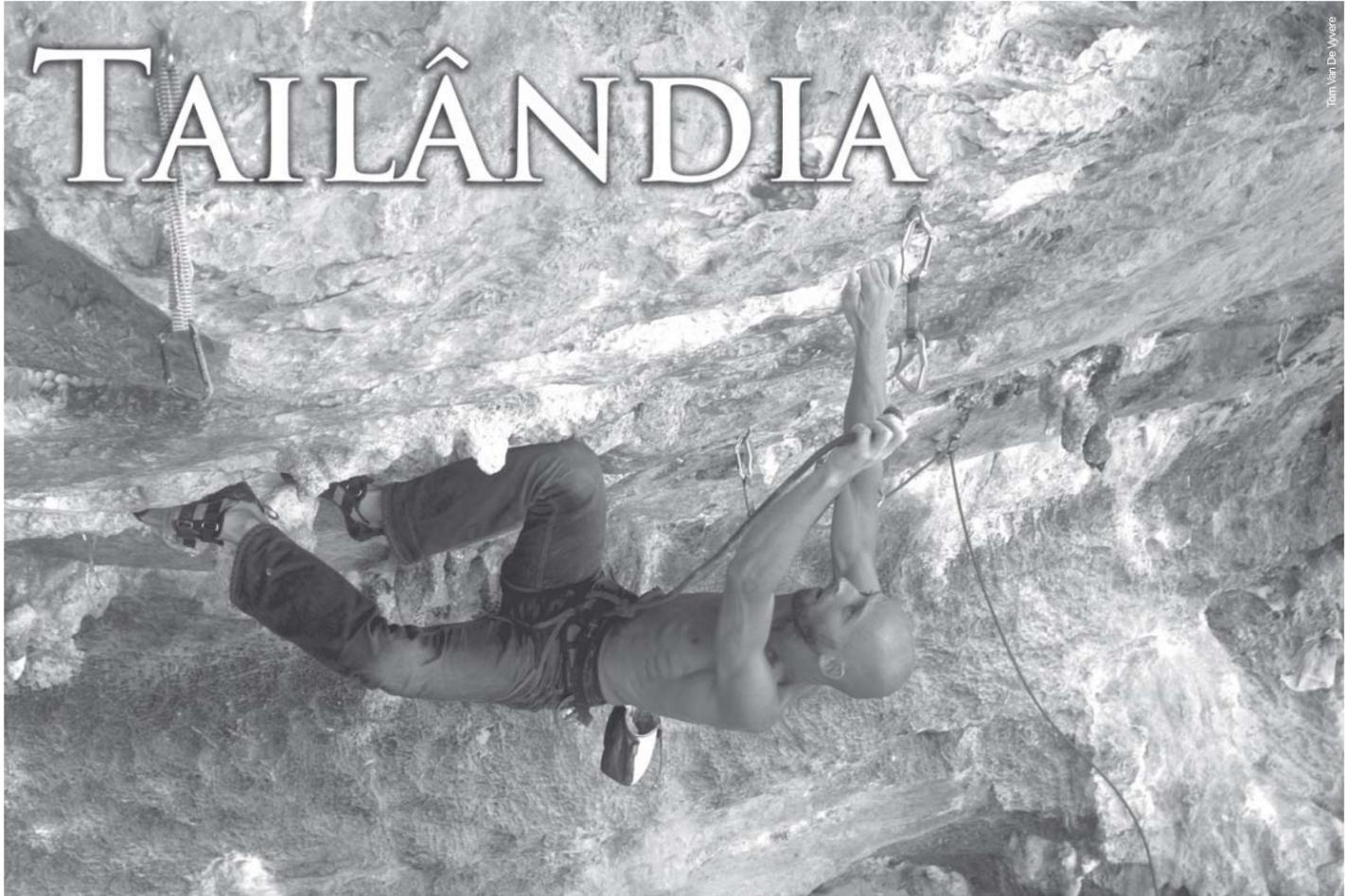
De carro: Seguindo pela Rodovia Dom Pedro I, entre Jarinú e Atibaia, sair no pontilhão com indicação Pedreira, após o Bar do Pastel virar à direita e seguir por mais 1Km. A Pedra fica no bairro do Laranjal, próximo ao telefone público e a fábrica de blocos. De ônibus: A partir da Rodoviária de Atibaia, pegar ônibus de linha para o bairro do Laranjal e descer em frente ao pico. O proprietário, Sr. Luiz, está cobrando o valor de R\$ 5,00 por pessoa para a utilização do local.

**BASE BRASIL**  
Vestuários Esportivos  
Vestindo você nas maiores aventuras!

- Calça bermuda básica e com cordura (masc. e fem.);  
- Anoraks;  
- Blusas e Agasalhos de Fleecês;

Telefax: (32)3371-4752 A venda nas melhores lojas do ramo!  
**www.basebrasil.com**

on the rocks



ALEXANDRE KAMINOME | SP

Viajar, sempre foi minha grande paixão desde que me conheço por gente. Há aproximadamente 5 anos atrás, me apaixonei também pela escalada e desde então, praticamente todas as minhas viagens têm como principal foco a escalada. No início do ano de 2005, decidi largar o meu trabalho por 1 ano para dedicar-me a estas duas paixões: escalar e viajar.

Passsei metade do ano no Brasil escalando em alguns dos pontos mais famosos do país como São Bento de Sapucaí, Itajubá, Rio de Janeiro e é claro, a Serra do Cipó. No final deste período, resolvi atravessar o oceano e empacotei meus equipos rumo ao sudeste asiático.

Fui pra lá com tempo, mas sem uma idéia clara do que realmente queria explorar por lá. A princípio, queria ficar “rodando” pelo sudeste asiático por pelo menos uns 3 meses, mas não sabia se teria um parceiro de escalada durante todo este período e nem havia ouvido falar muito de outros lugares fora da Tailândia. Mas sabia também que chegando lá encontraria escaladores que certamente teriam informações mais precisas sobre outras falésias neste continente. Como referências, tinha apenas ouvido alguns poucos relatos de amigos, algumas informações que encontrei na internet e duas matérias que li sobre a Tailândia em revistas de escalada. Além disso, estava indo 10 meses após o Tsunami, e isto de certa maneira me trazia um pouco de receio, pois não sabia como estaria a receptividade dos tailandeses e o quanto a infra-estrutura local havia sido impactada. Havia lido na internet também que, apesar de controladas, em alguns lugares possivelmente ainda encontraria algumas enfermidades resultantes da destruição causada por este desastre natural. Antes de ir, passei na central de medicina do viajante, no hospital Emilio Ribas em São Paulo, onde sem qualquer custo, me encaminharam à médicas especializadas em enfermidades epidêmicas que me alertaram sobre todas as possíveis doenças que poderia encontrar naquela região, assim como todas as precauções que deveria tomar. Tomei um coquetel de vacinas (é importante mencionar que o governo tailandês exige a vacina contra a febre-amarela para nós, brasileiros) e finalmente estava pronto para o que seria uma das melhores viagens de escaladas da minha vida. No dia 17 de outubro de 2005 embarquei em um voo da KLM rumo à Bangkok, capital da Tailândia. Paguei cerca de USD 1800 por um bilhete de 6 meses de validade de São Paulo à Bangkok, com escala em Amsterdam. Não há voos diretos, mas é possível fazer escala também na África do Sul ou em outros países da Europa, mas Amsterdam é a escala mais recomendável por motivos óbvios. Ao total, contando com os intervalos entre os voos, foram mais de 24hs de viagem.

Chegando em Bangkok, resolvi aguardar uns amigos espanhóis que conheci em outra viagem e que se juntariam ao primeiro mês da minha aventura. Fiquei 4 dias em um hotel próximo a Khao San Road (rua dos mochileiros), pagando BHT 400 (R\$ 23), e tenho que admitir que foi uma experiência bem diferente de qualquer outra que já vivi. Em alguns lugares, se viam mais “gringos” que tailandeses, mas a mescla da cultura local com uma cultura internacional dava um certo charme à esta babilônia. Gente, comida, vestimentas e hábitos completamente diferentes daqueles que estamos acostumados. Rastas loiros e muitos moicanos desfilando em uma rua onde se podia

comprar, desde falsificações de primeira de malas North Face, até escorpião frito. Mas se você for a Tailândia, conheça Bangkok antes de qualquer outra cidade, senão este aspecto interessante pode se tornar um verdadeiro inferno depois que você vira um bicho-do-mato.

#### Rumo ao paraíso...

Após estes 4 dias, tomamos um ônibus e fomos em direção a Krabi, cidade costeira ao sul da Tailândia onde ficam as vias esportivas mais famosas. Foram mais de 14hs de viagem em um ônibus bem confortável que custou BHT 300 (R\$ 16), mas na volta preferi pagar BHT 3.000 em um bilhete de avião para economizar 12 horas de viagem. O ônibus te deixa na estação rodoviária em Krabi, entretanto os melhores locais de escalada estão concentrados em três praias desta cidade: Tonsai, Railay West (e Phra Nang) e Railay East. Para chegar a estas praias existem duas opções: se você estiver com mais de 5 pessoas, vale a pena pegar um bote em Krabi mesmo em direção a uma destas praias. Você irá pagar aproximadamente BHT 600 pelo bote, mas o passeio até o destino é muito bonito pois você passa por um canal com diversas praias e mangues. Outra alternativa é pegar um ônibus de Krabi até a praia de Ao Nang, e de lá pegar um barco até uma destas praias. O ônibus custará BHT 100 e o bote BHT 60, por pessoa. Em ambos os trajetos você poderá verificar todo o potencial que Krabi oferece. Durante vários trechos você verá quilômetros de paredes negativas de calcário com mais de 100m de altura.

Em Tonsai estão as vias mais famosas e uma concentração maior de vias mais fortes, talvez porque as paredes sejam mais negativas (um parque de diversões para aqueles que escalam 8º, 9º, e 10º). Vale o destaque para o setor Tonsai Roof, com muitas vias passando por verdadeiros tetos. Escalada em estalagmites gigantes, muito trabalho de pé, calcanhar, agarrões abaulados, e mono,bi e tri-dedos à vontade. Diversão garantida! Koh Tao, uma ilha no centro da Tailândia, é mais popular entre os amantes do boulder, mas em Tonsai também existem alguns problemas interessantes nas bases das vias que ficam na praia e uma “cave” com mais de 20 problemas e variações diferentes. Nesta praia, normalmente ficam a maioria dos escaladores e principalmente a galera “micróbios” da rocha, pois há menos infra-estrutura, a balada é melhor, há mais animais silvestres (inclusive dentro do seu bangalô) e a hospedagem é mais barata. Railay West e East são as praias mais famosas pelo seu glamour e infra-estrutura. Lá ficam todos os “quincy climbers”, ou seja, o pessoal financeiramente mais avantajado, além de um montão de turistas. Existem “resorts” e hotéis com piscina, ar condicionado, TV à cabo e sabe lá o que mais. Em Railay, existem uma maior quantidade vias de graduação mais baixa (uma infinidade de 5º, 6º e 7º), o que não quer dizer que também não existam várias vias fortes. Há setores bem interessantes como o The Keep, com um visual espetacular, Taiwan Wall, caracterizado pela qualidade das vias, e Happy Island/ Pra Nang Beach, uma pequena ilha acessível à pé durante a maré baixa (você cruza o mar carregando a mochila sobre a cabeça para não molhá-la e chega à uma pequena ilha a 50m da praia). Todas estas 3 praias estão interligadas por trilhas bem marcadas. Das três praias você também pode alugar um bote e ir escalar nas ilhas e rochedos emergentes do meio do Mar de Andaman. Em Koh

Phi Phi, a ilha onde foi filmado o filme “A Praia”, existem vias com um visual único. Outra opção, também alugando um bote, é ir fazer “deep water soloing” nas ilhas menores. Não é difícil juntar uma galera interessada nestas atividades. Ao todo são mais de 500 vias esportivas, sendo a grande maioria grampeada e muito bem protegida. A maioria é de 1 enfiada, mas há muitas de até 5 ou 6. Apesar da quantidade de vias, ainda há muito potencial para novas vias. Converse antes com os escaladores locais, não somente sobre a ética local (pois lhe darão poucas recomendações), mas com um certo jeitinho, eles lhe mostrarão as linhas ainda não exploradas e lhe emprestarão todo o material necessário. A única coisa difícil de se encontrar por lá são os químicos (caros e raros), mas são as únicas proteções que têm maior resistência à corrosão. Não há necessidade de uso de equipamento móvel em praticamente nenhuma via. As proteções sofrem muito com a maresia e umidade excessiva, mas as vias mais famosas já tiveram seus parabolts trocados por anéis químicos. Mas apesar de todo o esforço dos “voluntários da re-grampeação”, ainda se ouviam alguns poucos casos de chapeletas e químicos que simplesmente eram sacados da parede e, para meu espanto, nem todos em “vacas”. Houve um caso em que um químico saiu quando uma pessoa estava pendurada nele tirando fotos. Mas isso não deve ser um motivo de preocupação excessiva, pois estes casos eram raros (e em vias menos populares) e o estado das proteções que o pessoal considerava como “condenável” não era pior do que muita proteção que encontramos por aqui. “Climb smart”, e informe-se sobre o status da re-grampeação das vias.

Assim que cheguei em Tonsai e vi as paredes que me cercavam, imediatamente me dei conta que iria precisar de um período maior que 3 meses naquele lugar e imediatamente abri mão de conhecer outros lugares como Chiang Mai e Koh Tao (ambos na Tailândia), Vietnam, Cambodja e Laos. Além disso, fiquei sabendo através de escaladores locais, que nesses lugares muito provavelmente teria problemas de acesso (por necessitar de autorização por parte do governo) e dificilmente encontraria parceiros de escalada como lá, por serem lugares menos populares. À Tonsai, você pode ir sozinho. De manhã, praticamente todos os escaladores se reúnem no Freedom Bar para aquecer nas vias fáceis, que estão à 5 m do bar, e à noite, todos se reúnem nos bares que ficam nas praias. Basta aparecer em um desses lugares e começar a puxar papo com alguém. Além do mais, o Brasil está na moda lá fora e todo mundo te fará um montão de perguntas sobre a escalada daqui. Mas cuidado, pois lá você encontrará todo tipo de escalador, ou seja, desde aquele com quem você desenvolverá um espírito de irmandade, até aquele que você nunca vai querer estar perto, para não ter que fazer resgate. Eu, felizmente tive a sorte de encontrar “verdadeiros” parceiros de escalada. Um deles, Tom Van De Vyvere, era além de um bom escalador, um fotógrafo profissional, o que explica a qualidade das fotos desta matéria. Com certeza, um dos maiores benefícios de visitar um lugar desses é voltar com a agenda lotada de emails e endereços de escaladores de todas as partes do mundo. Conheci também Miel Pahati, um filipino que estava em Tonsai “relaxando” um pouco antes de ir para os X-Games asiáticos. Esta amizade me rendeu também uma viagemzinha de 10 dias às Filipinas, experiência inesquecível que merece uma outra matéria. Poucos brasileiros aparecem por lá. Escalei com o Igor Epof e mais um par de escaladores que também não residiam mais no Brasil.

Em relação ao Tsunami, era inevitável perceber que ele ainda estava vivo na memória das pessoas. Cacos de vidro e alguns destroços ainda eram vistos na praia e principalmente dentro do mar. Todos mudavam de expressão quando falavam dele, mas ninguém demonstrou nenhum trauma forte. Pude ver fotos e ouvir relatos impressionantes, mas toda a desgraça trazida por ele já havia sido superada, mesmo porque Tonsai

havia sido a praia menos atingida de todas em Krabi devido a sua localização geográfica (fica em uma baía cercada por corais e com diversas ilhas menores bem em frente à praia, o que minimizou o impacto das ondas). As bases das vias estavam intactas. Doenças como a malária e a febre tifóide não representam ameaças por lá há muito tempo. Criminalidade e violência existiam em um nível muito baixo e fora de Tonsai. O único problema não estava relacionado ao Tsunami, mas sim à precariedade das condições sanitárias dos estabelecimentos comerciais desta praia. Macacos urinando nos poços de água, esgoto não tratado indo diretamente às fossas ou jogado ao mar, e má conservação dos alimentos eram os principais responsáveis por diarreias e cólicas. Mas ainda sim, Tonsai era a minha idéia de paraíso. Uma praia com um mar verde e cristalino, cercada por paredes negativas de calcário, com baladinhas diárias (muito reggae, psy-trance e Jack Johnson até não poder mais) e “outras cositas más”... E o mais importante de tudo, um custo de vida inferior ao nosso. Fiquei em um bangalô onde me cobravam BHT 100 por dia (R\$ 5,50), com banheiro comunitário, mas muito aconchegante e acolhedor. Uma refeição (sem miséria) custava aproximadamente BHT 150, mas quando o dinheiro encurtava era possível comer bem por BHT 70. E assim segui minha rotina durante quase 6 meses... Acordava cedo, aproximadamente às 6:00h, tomava um café da manhã à base de ovos, torrada e água de coco, e escalava até a hora do almoço, quando ficava insuportável fazer qualquer coisa fora d’água devido ao calor e a umidade. Daí tirava um cochilo ou ia mergulhar até o por-do-sol. À tardzinha dava mais uma entrada em alguma outra via ou ia ver o por-do-sol em Railay. Voltava pro meu bangalô, tomava um banho, jantava algum prato superpicante e ia pra balada... Nos dias de descanso muitas vezes ficava de boeira nas praias onde o top-less era default.

Outra coisa que me impressionou muito foi saber o quanto Tonsai é popular nos países estrangeiros. Todos os dias chegavam escaladores de todos os cantos do mundo. Apesar de não ligar muito e não conhecer tão bem todos os grandes nomes da escalada esportiva, tenho que admitir que foi uma experiência no mínimo interessante escalar ao lado de gente como Tim Emmet, David Lama e François Legrand. Quando sai de lá, algumas pessoas estavam falando que Sharma estava na área também. Essa diversidade cultural foi muito proveitosa também para observar os diferentes estilos de escalada e treinamento dos escaladores de diferentes países. Foi muito interessante também confrontar alguns pontos de vista com estas pessoas, como por exemplo as questões relativas à ética de grampeação, preservação e manutenção das falésias.

Mas um ponto um pouco decepcionante que pude constatar em Krabi se refere ao impacto na rocha devido ao alto volume de escaladores e a falta de organização local. Não existe nenhuma associação oficial de escaladores em Krabi (apesar de constantes movimentos), pelo contrário, os escaladores locais que trabalham em lojas de equipamentos e cursos diferentes, são extremamente competitivos entre si (nem sempre de maneira saudável) e não têm um espírito muito forte de conservação. Todas as iniciativas de limpeza das bases das vias, re-grampeação e abertura de novas vias é, na maioria das vezes, tomada por estrangeiros. Isto significa que este paraíso está condenado se seguir com o crescimento de escaladores que vem tendo nas últimas temporadas.

#### Quando ir

De abril à setembro, chove bastante em Tonsai, mas são os meses mais baratos. Como praticamente todas as vias são negativas, a chuva não é um empecilho para um bom dia de escalada. De novembro à fevereiro, o clima é mais estável e mais ameno, entretanto é o período da alta temporada. Os preços praticamente duplicam e você chega a encontrar filas em algumas vias. Na Tidal Wave, provavelmente a via mais famosa, cheguei a encontrar mais de 10



escaladores em um único dia trabalhando a via. Durante este período, os tailandeses se tomam menos amáveis (algumas vezes até mal educados) e é mais difícil barganhar os preços. Após praticamente 6 meses nesta dura rotina, tive que voltar. Não tenho como esconder o carinho que tenho por aquele lugar, principalmente depois de ter convivido com as mesmas pessoas durante tanto tempo. Escrever esta matéria foi a maneira que encontrei para relembrar e compartilhar alguns dos grandes momentos desta experiência.

#### O que levar e o que não levar

Levar... Sapata, cadeirinha, umas dez costuras ou mais se possível, corda 60m, roupas leves, havaianas. É possível alugar equipamentos de escalada, entretanto se você for ficar muito tempo o custo do aluguel será alto. De todas as vacinas, a contra a raiva talvez seja a mais importante.

Não levar... guia de escalada (barato e pode ser encontrado em diversos lugares), magnésio, equipo móvel, anorak, windstopper ou qualquer vestimenta que pese mais que uma camiseta, repelente (marcas como OFF e outras podem ser encontrados lá), medicamentos para malária. Caso você viaje para regiões onde a malária exista, entre em contato com médicos locais que indicarão os mesmos medicamentos que os médicos brasileiros, e mais baratos. Contatos importantes: Embaixada Brasileira na

Tailândia (Bangkok) 34th fl., Lumpini Tower, 1168/101, Phra Ram 4 road, Thung Mahamek, Sathon (662) 285-6080

Outras informações importantes: Evite comer frango, não por causa da gripe aviária, mas por outras doenças. Noventa e nove por cento da comida típica tailandesa é extremamente picante. Portanto, talvez seja uma boa idéia, pelo menos no início, pedir para que os pratos sejam servidos com menos pimenta.

Nunos ofenda o Rei da Tailândia por mais ridículo que um regime monárquico lhe possa parecer. Ele é infinitamente mais respeitado pelos tailandeses do que a Rainha da Inglaterra é pelos ingleses.

Tente barganhar tudo. Nunca aceite o primeiro preço, exceto de tarifas oficiais (ônibus, bote que leva até as praias e alguns taxis).

Com o passaporte brasileiro, não há necessidade de solicitação de nenhum tipo de visto especial. É concedido automaticamente 3 meses de visto na própria alfândega. Após este período você deve deixar o país e voltar, em qualquer fronteira. Lá em Ao Nang ou até em Tonsai mesmo, existem agências especializadas neste tipo de serviço. Será cobrado entre BHT 300 e BHT 500.

Todos os valores apresentados no artigo têm como referência o ano de 2005 e a cada temporada os preços sobem dada à popularidade de Tonsai.

**A conquista**

São João do Sul é um pequeno distrito de Guaratinga, município do sul da Bahia, cuja paisagem é dominada por uma montanha de grandes proporções e formas atraentes, inacessível por caminhada, cujo nome deve-se a uma família de "caboclos" (na verdade, negros) que residia aos seus pés há décadas atrás e que adquiriram fama local por serem bons de briga. Miguel Freitas e eu, na volta da viagem que fizemos ao Vale do Jequitinhonha no ano passado, passamos por São João do Sul e combinamos que neste ano voltaríamos para tentar subir a Pedra dos Caboclos pela sua longa aresta sul, a linha mais bonita e promissora que encontramos após tê-la circundado quase toda de carro. Convidamos para nos acompanhar Sandro de Souza, escalador experiente e que já havia visitado a região anteriormente, quando conquistou duas bonitas agulhas rochosas em Jacinto – MG, a Pedra Rachada e a Pedra da Verruga.

Após um dia e meio no volante chegamos finalmente a São João e lá nos recomendamos ficar na Pousada das Duas Irmãs, "a melhor da cidade" com suas

instalações modestíssimas, mas limpas e quase desertas, pois toda a região encontra-se num franco declínio econômico. As irmãs, Nadir e Deti, tudo fizeram para nos ajudar em nosso projeto, com destaque para a deliciosa comida caseira servida ao final de cada dia, que devorávamos com sofreguidão! Os únicos pontos negativos foram a ausência de banho quente durante uma onda de frio que espantou até os moradores mais antigos, e o barulho noturno provocado por aparelhos de som vindos de diversas procedências, uma praga que assola todos estes pequenos povoados, onde os mais jovens parecem querer quebrar a monotonia a golpes de decibéis.

Obtivemos a permissão para a escalada com o vaqueiro Everaldo, gerente da fazenda onde a pedra está majoritariamente situada, o qual, a exemplo de toda a cidade, ou melhor, de toda a região, acompanhou o nosso progresso com um interesse de Copa do Mundo. Tudo pronto, então, para começarmos a escalada!

**Primeira investida**

Fomos até o pé da pedra acompanhados pelo filho do Everaldo, o Kévine, e pelo "Marreta", um empregado da fazenda, que seguiram a cavalo enquanto seguíamos a pé atrás... A travessia de um rio com água

na altura da cintura foi ao mesmo tempo cômica e tensa, pois embora eles tivessem nos oferecido carona no cavalo, este era rebelde e só a muito custo não terminamos dentro d'água com mochila e tudo...

Neste dia subimos todo o fácil trecho inicial, de cerca de 140 metros de extensão, e deixamos, a exemplo dos outros dias, toda a parede encordada. Paramos no ponto em que a aresta aumenta abruptamente de inclinação e, em consequência, de dificuldade. O tamanho da via, a ausência de fendas e a previsível dificuldade dos lances nos fizeram optar por uma conquista num estilo tradicional, com grampos, cordas fixas e furadeira, o que se mostrou uma decisão acertada.

**Segunda investida**

Chegamos à montanha por um caminho diferente em outra fazenda, muito mais curto, plano e sem travessias de rio, o que foi uma grande descoberta. A escalada neste segundo dia foi bem representativa do que enfrentaríamos até o final da via: lances de agarras e aderência de dificuldade média elevada (entre V e VI<sup>sup</sup>), numa parede bem cheia de líquens e com pouquíssimos locais naturais de parada, o que nos fez recorrer algumas vezes a paradas em cima de macambiras ou

mesmo de outras espécies de bromélias para bater os grampos, à moda dos antigos. Alternativamente, usamos com frequência, e com sucesso, um método que eu desenvolvi em outras viagens, o método do "brinco": após guiar um lance sem parada natural evidente, ou laça/agarra para cliff-hanger, o escalador se aproxima da base de uma grande bromélia e cava um estreito túnel na sua raiz com o sacanutz e nele passa uma fita à qual se prende, ficando pendurado como um brinco!

No último lance do dia eu cheguei a duas fendinhas escondidas e inesperadas; como não tínhamos material móvel conosco, e como bater um grampo ao lado delas não era uma opção aceitável, continuei por diversos metros mais até a base de um ressalto bem mais inclinado, onde finalmente estabeleci a parada com um grampo.

**Terceira investida**

Embora tivéssemos feito de tudo para não vencer lances em artificial, os dois primeiros grampos do ressalto tiveram que ser fixados desta forma, numa seqüência de VI em agarrinhas, e as perspectivas para cima eram desanimadoras, pois a inclinação da parede aumentava ainda mais... Após descer e guiar a seqüência em livre, fiz uma delicada horizontal para a esquer-

da para ver o que havia depois de um gigantesco gravatá e, para nossa surpresa e alegria, descobri que milagres podem acontecer: uma espetacular fenda frontal, aparentemente bem longa, serpenteava montanha acima ao lado do trecho mais sinistro da aresta! O Miguel bateu mais um grampo antes da fenda e o Sandro chegou a subir alguns metros da mesma com os poucos friends que havíamos levado conosco, mas logo voltou à parada. Embora estivesse ainda muito cedo, resolvemos descer dali mesmo para retornar no dia seguinte com o restante do nosso equipamento móvel para conquistar a fenda decentemente. O retorno para São João do Sul, a exemplo dos outros dias, foi bem demorado devido à extensa agenda social que tínhamos que cumprir: primeiro, um alô para a D. Maria e família, pois foi ela quem nos indicou o melhor acesso à pedra; depois, uma conversa com o Valdivio, o vaqueiro desta outra fazenda, uma etapa particularmente difícil por ser ele completamente gago; em seguida, a parada obrigatória na casa do Everaldo, para contar-lhe sobre nossos avanços; já na entrada da cidade, a indispensável cervejinha gelada no bar do Seu Vito; em qualquer hora ou lugar, uma palavrinha com o Neto, funcionário da escola municipal, que acompanhou cada um de nossos passos e muito nos ajudou; e em todos os locais a que íamos tínhamos ainda que relatar pacientemente o que estávamos fazendo, como estávamos fazendo, quanto tempo ainda levaria para chegarmos ao topo etc..

**Quarta investida**

O Sandro teve o privilégio de conquistar a fenda, o que fez rapidamente por ser ela, à parte os costões iniciais, o trecho mais fácil da escalada (III<sup>sup</sup>). Ela tem cerca de 30 metros e foi toda feita em entalamento de mãos e pés e oposição, com ótima proteção em friends médios e grandes. Esta fenda termina onde começa uma oposição voltada para a esquerda, mas repleta de vegetação; por isso, o Sandro saiu em horizontal para a direita,

de volta à aresta, num lance de agarrinhas bem difícil e que veio a ser o crux da via (VIIa). Fiz mais dois lances difíceis (VI/VI<sup>sup</sup>), parando com dificuldade para bater cliffs de buraco antes de bater os grampos, e o Miguel um terceiro, chegando a uma depressão rasa onde demos por encerrado o dia.

**Quinta investida**

Comecei o dia fazendo uma seqüência delicada de agarras e aderência (VI) com três grampos e o Miguel conquistou outros três lances em seguida, o primeiro relativamente fácil, mas os outros dois bem difíceis, sendo que o último, se feito sem o apoio dos gravatás, também deve ser VIIa. Dali o Sandro fez alguns lances fáceis e longos, o último deles muito bonito, com proteção em um friend pequeno, passando para a "capa" de um diedro cheio de vegetação e por ela seguindo por alguns metros antes de bater mais um grampo.

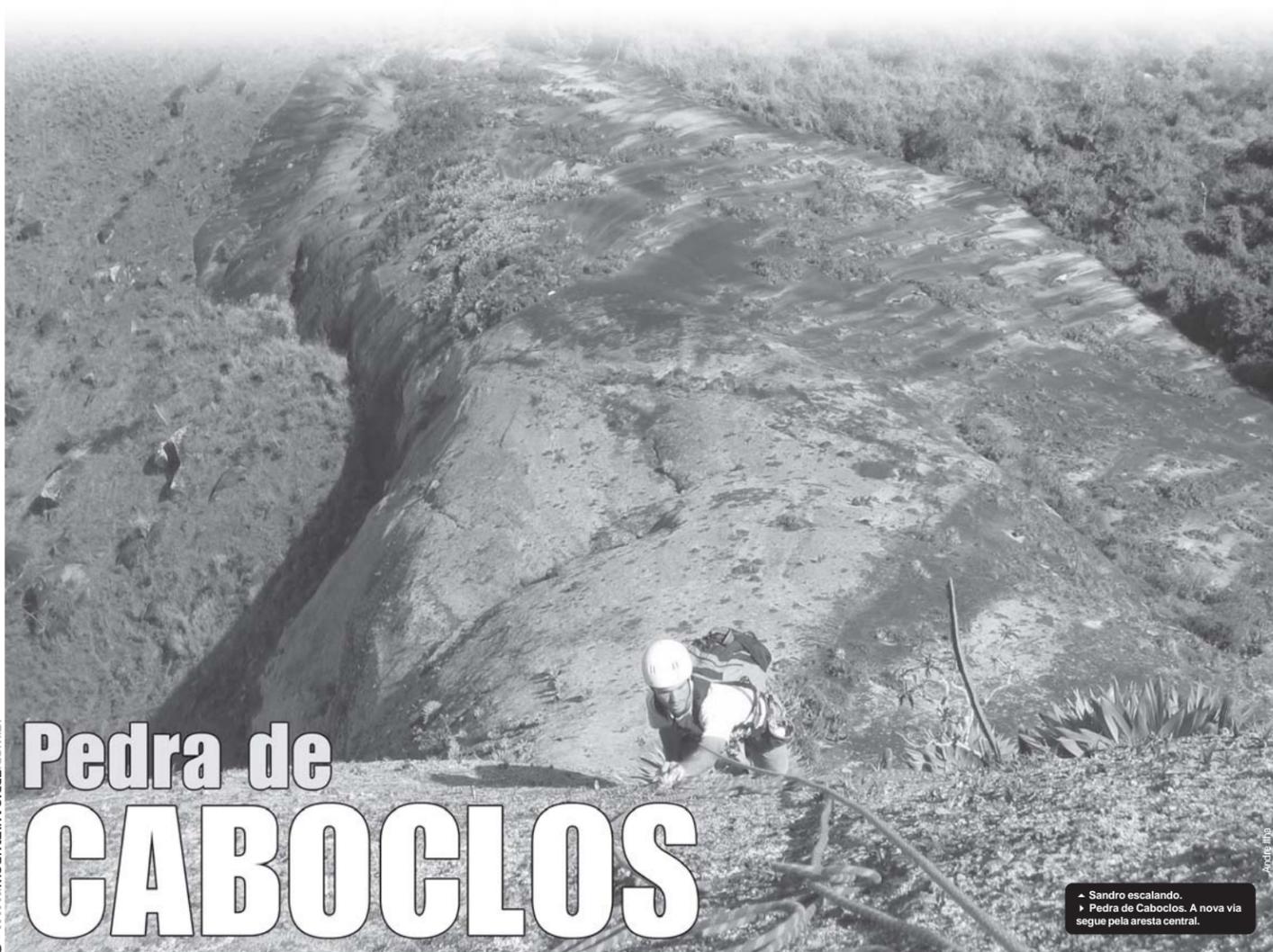
**Sexta investida**

Após um dia de descanso forçado, devido à chuva, retornamos para a investida final

com disposição, pois ainda faltava um bom trecho a ser vencido e a via não dava sinais de que se entregaria fácil. A subida pelas cordas fixas foi penosa, pois além de longa, a parede estava ainda um tanto úmida, o que inclusive dificultou os primeiros lances que escalamos neste dia. Fiz mais uma seqüência de agarras e entrei em um grande platô de vegetação do qual sai pala direita, acompanhando um dorso rochoso limpo e fácil, e parei com um grampo na "capa" de outro diedro obstruído por mato.

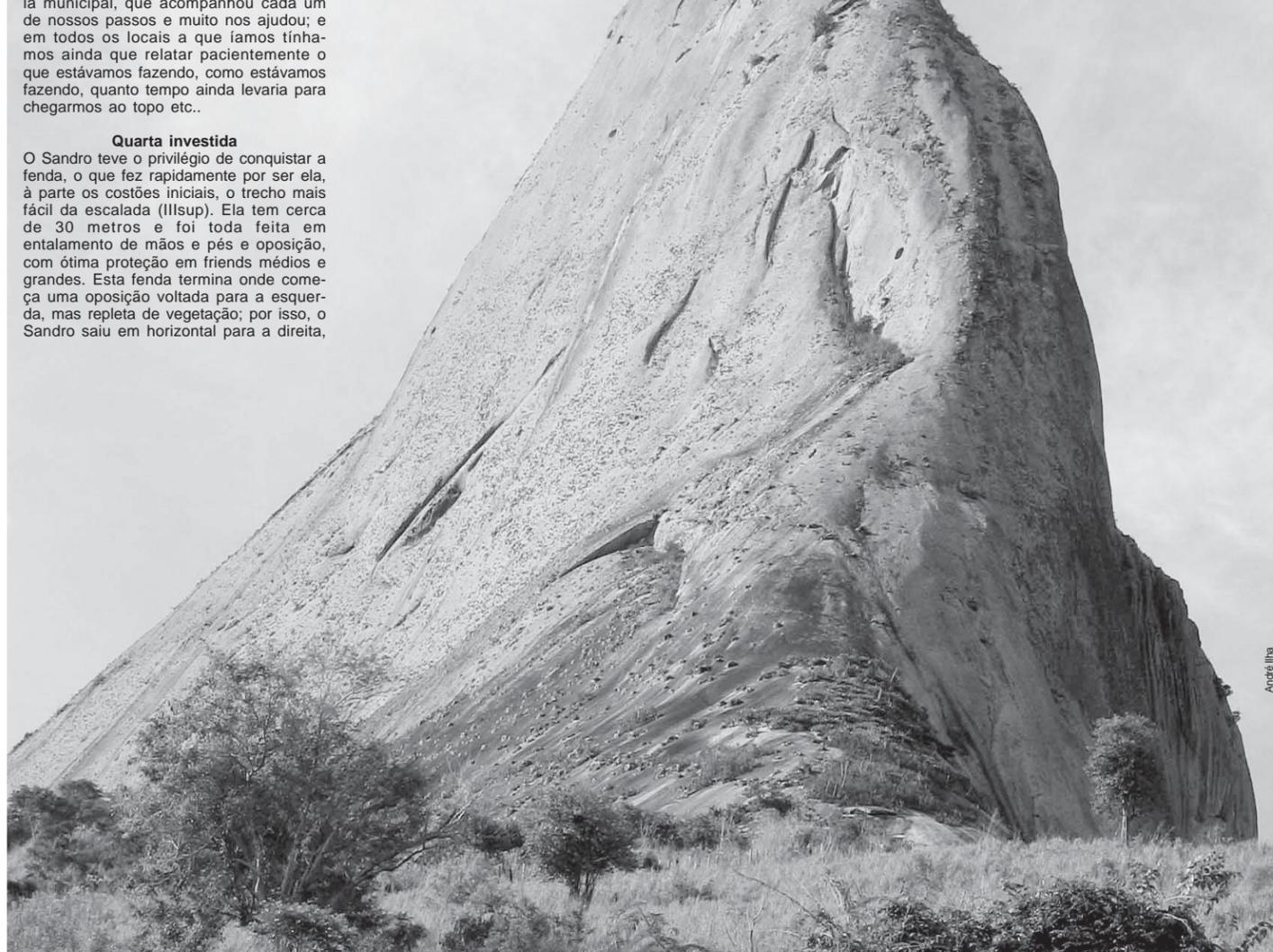
O Miguel seguiu pela borda deste diedro, com mais um grampo, e entrou em outro grande platô, onde havia uma fendinha (V) que foi vencida com proteção em dois friends pequenos. Ele esticou bem e fez a parada na base do ressalto final da montanha, que manteve a pressão: Sandro venceu três lances em série, todos difíceis, e a partir do seu terceiro grampo eu cheguei, finalmente, ao final da escalada! Seguimos juntos até o topo do mais alto dos três grandes blocos ali existentes e saltamos três morteiros, que foram, como imaginávamos, respondidos por gritos vindos de todas as direções! Deixamos um livro de cume debaixo de uma "casinha" feita com finas lacas de pedra, e descemos em seguida em trabalhosos rapéis, a maioria feita à noite, levando conosco centenas de metros de corda, entre aquelas que usamos para fixar na parede e as usadas para escalar. Dois dias depois repetimos a via toda de uma só vez, encadeando todas as seqüências e confirmando o seu grau, 6º VIIa E2. Como estávamos numa cordada de três, e também devido à grande quantidade de lances exigentes, ainda que bem protegidos, rapelamos novamente quase tudo à noite.

Ao grande prazer de termos sido os primeiros a chegar ao topo desta montanha por uma via digna da sua imponência soumos-se o entrosamento e harmonia do grupo, algo fundamental em um empreendimento como este. Uma excursão para não ser esquecida nunca mais!

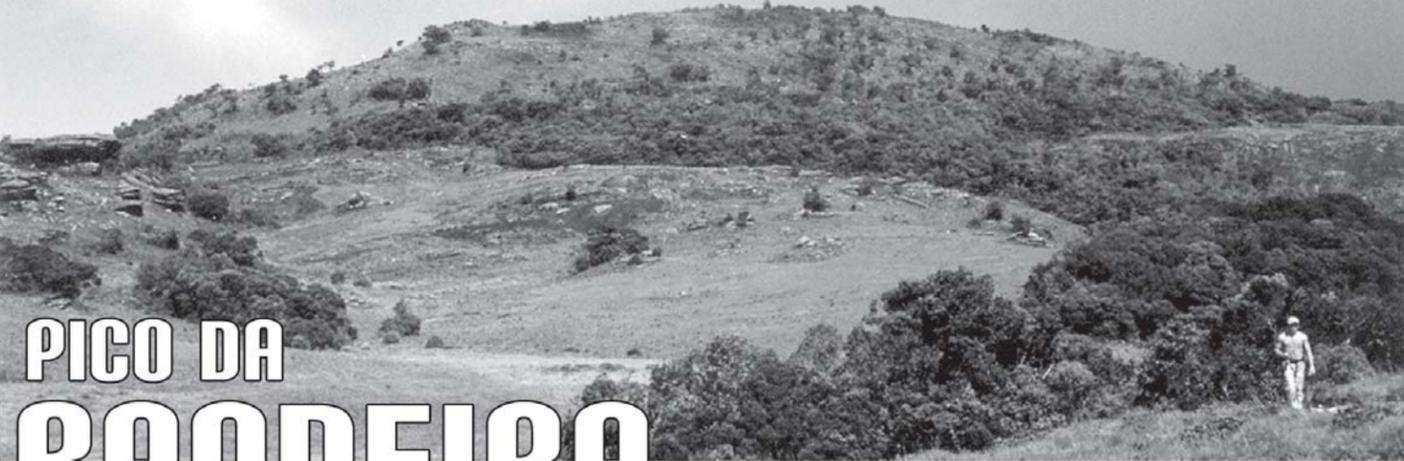


# Pedra de CABOCLOS

▲ Sandro escalando.  
▶ Pedra de Caboclos. A nova via segue pela aresta central.



Belas Pedras XX



# PICO DA BANDEIRA

ALBERTO ORTENBLAD | SP

Conheça a mais alta montanha de Aiuruoca, uma pequena vila no sul de Minas, com muitas montanhas, belas cachoeiras e um vale muito famoso e peculiar. Este artigo é uma continuação do anterior, onde abordei a mais conhecida pedra da região, o Papagaio. Pertence à série das Belas Pedras, sobre montanhas com acesso e subida fáceis.

## O Acesso

Você pode conferir no MV # 91 as informações sobre Aiuruoca. É uma cidadezinha próxima a Caxambu, a mais de 300 km do Rio e de 400 km de Belo Horizonte e de São Paulo. As rodovias são asfaltadas mas, a partir da cidade, você só encontrará estradas de terra, algumas das quais precárias.

Aiuruoca é hoje uma cidade pequena, mas no passado foi sede e um vasto território, que englobava sete Municípios, desde Serranos ao norte e Liberdade a leste até Alagoa ao sul. Dizem que um dinamarquês lá inventou o queijo prato, tendo dado este nome por achar seu produto parecido com um grande prato. A afirmação de que o mangalarga marchador foi também originário de lá não me parece verdadeira, pois que eu saiba esta raça provém de outra região próxima.

A cidade é decorada pelo soberbo perfil do Papagaio, uma parede rochosa, negra e vertical, que parece observar das alturas a vida no campo e na vila. Ela encerra uma longa serra, com várias corcovas rochosas emergindo acima da mata de encosta. O Bandeira situa-se atrás destas corcovas, pertencendo ao corpo da serra.

## Do Lado de Lá

A trilha para o Bandeira parte da estrada de terra que se inicia no asfalto de saída da cidade, no qual você rodará cerca de 4 km. Você tomará o rumo da Pousada do Lado de Lá (doladodela.com.br), que dista 15 km do asfalto. A partir de certo ponto, só veículos com tração 4x4 conseguem trafegar: prepare-se para um piso esburacado, rochas ameaçadoras e rampas íngremes. Tenha calma, pois este trecho poderá lhe tomar quase uma hora.

Mas vale a pena, este é um local incrível, no alto de uma encosta e ao lado de um pequeno cânion, com poços naturais. As construções foram inteiramente feitas em pedras do local, o que lhes confere um esplêndido aspecto rústico - e, ao proprietário, problemas recorrentes com o IBAMA.

O Bandeira é o ponto culminante da região, do alto dos seus 2.357 m. Se você consultar o mapa do IBGE, notará que a esta altitude não corresponde um nome. Apesar de elevado, o Bandeira possui um perfil suave, surgindo como um mero morro abaulado por cima dos campos à volta.

Estes campos são chamados de Retiro dos Pedros, sendo mais elevados que o Papagaio. É por esta razão que as montanhas próximas não têm ascensões íngremes. Muitas delas são internas em relação ao Município, não sendo facilmente visíveis.

## A Trilha

A trilha é simples: caminhe rumo sul pelo pasto à frente, dando as costas para a pousada. Nos pontos altos de seu percurso, você verá as corcovas do Papagaio, afastando-se como ondas sucessivas rumo à sua parede terminal. O Bandeira fica exatamente a sul do Papagaio, os dois distam apenas 4 ou 5 km em linha reta.

Suba à esquerda pela serrinha ao lado, passe pela cerca de arame e contorne em seguida um brejo à sua frente. Volte a subir e dirija-se a uma gruta à esquerda, onde as pessoas da região costumam acampar. Esta toca ocupa uma das extremidades do Bandeira. Suba então a sua encosta por uma trilha apenas esboçada. O cume do Bandeira é uma corcova discreta, com uma vista bonita para a Serra Fina e as muitas montanhas da região a oeste, para uma encosta rochosa chamada Pedreira e o Papagaio a sul e para os vales agrícolas a norte. Apesar na névoa, pode discernir a Pedra da Mina e a Pedra Selada, e dizem que o Agulhas é também visível.

Existem duas outras montanhas próximas, o Tamanduá (2.031m) e o Canjica (2.143m), delas só a primeira sendo visível. Visto do seu próprio vale, o Canjica é impressionante, com sua corcova abaulada emergindo acima de uma enorme parede verde. Se você continuar consultando o MV, encontrará em edições próximas outras referências a esta bela montanha.

Você chegará no cume após cerca de 1 ¼ horas de uma caminhada bem tranquila. Na volta, desça rumo oeste e passe num local baixo chamado curral de pedra, que faz parte do Retiro dos Pedros. Você chegará de volta à pousada em talvez 1 hora. Sua ascensão será de 440 metros, pois a altitude da pousada é de 1.915 m. Incluindo as viagens de carro, esta caminhada deverá tomar 4 a 5 horas.

## A Região

A região é bastante interessante, com uma vegetação variada, mistura de mata atlântica com campos de altitude. Embora pertencente à Mantiqueira, ocorre uma exuberância confusa característica do Espinhaço. Algumas vezes você verá, quase lado a lado, paredes cristalinas típicas da Mantiqueira com rochas sedimentares comuns ao Espinhaço. Procure visitá-la fora do verão, assim as chuvas não dificultarão as estradas e as trilhas.

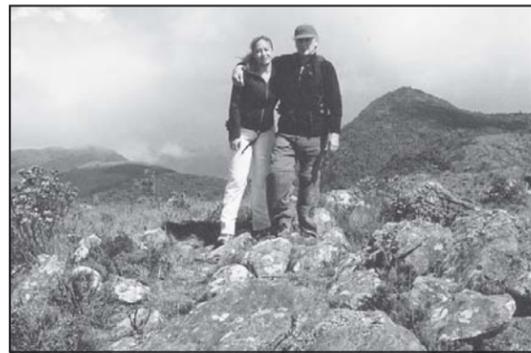
Um dos maiores atrativos de Aiuruoca é o Vale do Matutu, 17 km ao sul da cidade, a partir da estrada de acesso a Alagoa. É uma região muito bonita, um vale fechado por um arco de mon-

tanhas. Nele vive uma comunidade adepta da seita do Santo Daime, numa reserva privada de 3 mil hectares.

## O Retorno

Se você pretender retornar ao Rio ou a São Paulo e dispuser de tempo e de um veículo apropriado, vale a pena retornar por Alagoa. São cerca de 70 km em terra, com vistas muito bonitas do Vale do Nogueira e, depois da vila de Alagoa, do Vale do Garrafão.

Nesta última região, a estrada sobe a uma altitude de quase 2 mil metros, antes de descer prolongadamente até o asfalto de Itamonte, por onde você vizará para a Via Dutra. Também esta última estrada é muito bonita, com vistas do Picú e dos contrafortes do Parque Nacional de Itatiaia. A região do Garrafão abriga uma importante montanha, o Pico de São Domingos ou do Garrafão. Este nome foi dado devido à crença de que seu cume abrigasse uma garrafa cheia de moedas de ouro. Eu fui uma única vez lá, há 15 anos atrás, e posso garantir que você não ficará rico - e sim feliz - se visitá-lo.



# Bisturi e aventura ?

A falta de legitimidade e conhecimento de causa no processo de certificação das atividades de esporte de aventura.

ARTUR LEWIS | SP

Nas páginas 88 e 89 da revista Veja de 25 de janeiro passado, foi publicada a seguinte manchete: "O Turismo do Bisturi - Atraídos por preços baixos, cada vez mais estrangeiros vêm ao Brasil para ir ao médico". Pelo visto, em breve, os empresários que promovem este tipo de "turismo" farão sua certificação. Poderão fundar ABETUBI - Associação Brasileira do Turismo do Bisturi e passar a receber vultosas verbas para certificar cirurgias, equipamentos cirúrgicos e, os profissionais habilitados a atenderem seus clientes, que acima de tudo estão fazendo: "turismo". É claro que nesse caso eles farão uma licitação transparente, preenchendo todos os requisitos da Lei, abrindo espaço para que os empresários do seu segmento possam concorrer de forma igualitária na "oportunidade".

Se isso te parece ridículo, então por que a aventura é diferente do bisturi? No turismo cultural os empresários do segmento certificam artistas e espetáculos? E no turismo de negócios? Não venham justificar com o argumento falso de que na cultura e no negócio não existe risco, por que teclado de computador também não tem e é certificado.

O esporte tem leis, dinâmica e até justiça

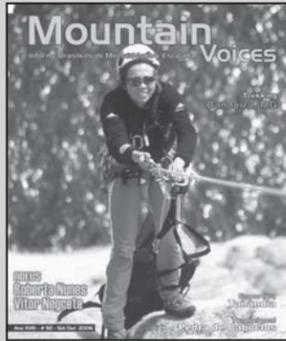
específicas, que condicionam qualquer tipo de certificação. Os esportes de aventura são mais do que especiais e não comportam demagogia; aqui ela machuca. Infelizmente se instaurou em nosso meio tudo que não podia se instaurar: distorções, mentiras e demagogia para segmento algum ter inveja. Gastaram até agora um "mundo" de dinheiro no que? Será que somos reféns que não podemos fazer nada, que temos que nos submeter, que não existe defesa, que a vida é assim mesmo? Será?

Um grupo de entidades não satisfeitas com o rumo das "coisas" decidiu tomar medidas contra a situação e infelizmente o montanhismo ficou de fora. Infelizmente porque o segmento esportivo de aventura deve nessa hora se unir na defesa dos seus interesses, contra o estado atual das "coisas", exigindo clareza e coerência no estabelecimento da sua política pública. Ao contrário de uma que foi criada não se sabe a onde, por quem e em qual país e que está sendo imposta de forma ditatorial, encapsulada num discurso pseudo democrático. Um antigo Secretário da Fazenda costumava dizer que certos projetos é melhor só "pagar a comissão"; pena que nesse não fizeram o mesmo.

Montanhistas, se unam aos seus pares na defesa da coerência para o segmento esportivo de aventura.

# Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Fazemos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.



Capa: A inesquecível Roberta Nunes escalando na Groenlândia. Foto: Jesus Bosque.

**Editores:** Eliseu Frechou, Elizabeth B. Frechou, Vítor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.

**Contatos:** pela Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/12/2006.

Nome.....  
 Endereço.....  
 Cidade.....Estado.....  
 CEP.....Telefone.(.....)  
 E-mail.....  
 Idade ..... Profissão.....  
 Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
 ( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00  
 ( ) Renovação Assinatura - R\$ 20,00  
 ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
 ( ) Número Atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
 ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00

92

Total .....,00

## Índice dos Números Anteriores

- Será que o alpinismo já atingiu o seu cume?, O guia de montanha e a experiência europeia. Cuidado com a hipotermia, O que é mesmo espeleologia?
- Conjunto Pedra do Baú, Expedição Brasil-Everest 91, Pitons, Alimentação natural, Meditação na escalada, Cordas e camelos, Apuane.
- Urca, Quedas e ejaculação precoce. Solo e sonho, Montanhismo apolítico, Apararó, Il Sul-americano de escalada, Asas de nylon.
- Anhangava, Montanhismo e neurolinguística, Escaladores x meio-ambiente, Lesões nos dedos, Cerro Tolosa, Publicações da SBE, Caraça.
- Prateleiras, Porque o montanhismo ainda não se organizou?, Expresso Paraná, E o vento levou, Ética, Travessia Garrafão-Papagaio.
- Conjunto Marumbi, Quanto vale o Pão de Açúcar?, Excursionismo consciente, Bóia-cross, Troglóbionts?!, Half Dome clean, Ecologia e política, Cho-Oyo, Canastra.
- Serra do Lenheiro, Atalhos, Táticas esportivas, Crianças na trilha, Peruca, Dicas para dias frios, Canoagem, Sua própria aventura.
- Pico do Sul, O caminho, Solitárias na Pedra do Baú, Sites de montanhismo na WEB, Tour na Europa, Serra da Cangalha.
- Santa Catarina, Reformas no Anhangava, Monte Vinson, Campeonato Panamericano, Guaraú, Carta aos Montanhistas.
- As agulhas do Espírito Santo, Conquista dos Cinco Pontões, Fator de Queda, Aventuras no Equador, Agarras e Ética, Rapel - um grande equívoco.
- Jardim botânico do Rio, Projeto Sete Cumes, Serra Fina, Bragança Paulista, Jordânia, Corpo de Socorro em Montanha.
- Pedreira do Dib, Eiger, Ilha Bela, Pedra do Moitão, Guaraúva, Campo-escola 2000.
- Pedra da Divisa, Monte Elbrus, Fator humano, Escaladas em rocha no Chile, Trekking do Everest, Convide à Aventura.
- São Luís do Purunã, Bolívia, Sintonzando a cordada, Nosso futuro comum, Federações?
- Vista Aérea, Travessia Marins/Itaguaraé, Dedo de Deus, Face Sul do Aconçagua.
- Pedra do Índio, Trekking no Kilimanjaro, Apagando o Amanhecer, Realidade Vertical, Espanha, Acidente no Aconçagua.
- Big Wall na Serra dos Orgãos, Torres del Paine, Rocha e gelo nos Andes, Pico do Baiano -nova rota de 1000m, Trekking ao Focinho D'Anta.
- Calcário em Minas Gerais, Projetos de escalada, Perigos do Gelo, Terra de Gigantes, Patagônia, Pedralva, Pedra do André, Corcovado de Utatuba.
- Torres de Bonsucesso, Elbsandstein, Illimani, repetição da Eco-xiitas, novos clubes de montanhismo.
- Falésias do Quilombo, El Capitan, Pico do Cuscuzeiro, Terra Brasileira (Pedra do Sino), Resgate no Ouro Grosso, Como são as competições esportivas.
- Conquista no Corcovado, Cerro Plata, Dedo de Deus, Treinamento Esportivo, Montanha e mau tempo, As Pedras esquecidas do Rio de Janeiro, Castleton Tower, Morro do Carmo.
- Camboriú, Conquistas Brasileiras em Cochamo, Garrafão, Aconçagua, Pico do Trabador.

- Bocaina.
- Bahia, Bolívia, Half Dome, Gullich, Morro da Meia-Lua.
- Pedralva, El Capitan, Los Gigantes, Criar e reciclar, Itajubá.
- Pedra do Segredo, Guarujá, Serra da Guarita, Canyoning, Bolts from the blue, A maior rota de Minas.
- Socotáriara, Patagônia, Cerro Torre, Meteorologia, Medo de cair, Morro do Tira-Chapéu.
- Pico do Papagaio, Everest pirata, Mal de altitude, Acidentes em campeonatos, Serra do Caraça.
- Espirito Santo, Graduação artificial, Normas para equipamentos, Santa Rita do Jacutinga, Trilha Inca.
- Guaraúva, Na linha de fogo, Pequenas notáveis I, Illimani, 6000 metros na Bolívia, Itambé.
- Atentio garícho, Montanhismo e Internet, Estilo alpino no Himalaia, Pequenas notáveis II.
- Nova rota no Marumbi, Solução Suicida, Huayno Potosi, Morro da Formiga, Trekking na Canastra, Monte Verde.
- Morro do Cuscuzeiro, Torres del Paine, Face sul do Corcovado, As maiores montanhas do Brasil, Perú.
- Salinás, Escalando nas caves do Equador, Agarras e Ética, Rapel - um grande equívoco.
- Jardim botânico do Rio, Projeto Sete Cumes, Serra Fina, Bragança Paulista, Jordânia, Corpo de Socorro em Montanha.
- Pedreira do Dib, Eiger, Ilha Bela, Pedra do Moitão, Guaraúva, Campo-escola 2000.
- Pedra da Divisa, Monte Elbrus, Fator humano, Escaladas em rocha no Chile, Trekking do Everest, Convide à Aventura.
- São Luís do Purunã, Bolívia, Sintonzando a cordada, Nosso futuro comum, Federações?
- Vista Aérea, Travessia Marins/Itaguaraé, Dedo de Deus, Face Sul do Aconçagua.
- Pedra do Índio, Trekking no Kilimanjaro, Apagando o Amanhecer, Realidade Vertical, Espanha, Acidente no Aconçagua.
- Big Wall na Serra dos Orgãos, Torres del Paine, Rocha e gelo nos Andes, Pico do Baiano -nova rota de 1000m, Trekking ao Focinho D'Anta.
- Calcário em Minas Gerais, Projetos de escalada, Perigos do Gelo, Terra de Gigantes, Patagônia, Pedralva, Pedra do André, Corcovado de Utatuba.
- Torres de Bonsucesso, Elbsandstein, Illimani, repetição da Eco-xiitas, novos clubes de montanhismo.
- Falésias do Quilombo, El Capitan, Pico do Cuscuzeiro, Terra Brasileira (Pedra do Sino), Resgate no Ouro Grosso, Como são as competições esportivas.
- Conquista no Corcovado, Cerro Plata, Dedo de Deus, Treinamento Esportivo, Montanha e mau tempo, As Pedras esquecidas do Rio de Janeiro, Castleton Tower, Morro do Carmo.
- Camboriú, Conquistas Brasileiras em Cochamo, Garrafão, Aconçagua, Pico do Trabador.

- Morro do Camelo, Tipos de Mosquetão, Imprudência Rapelera, Pico do Baiano, Patagônia, Superagüi.
- Falésias do Serrano, Avaliação Física, Europa, Ibis em Solitário, Mont Blanc, Rapel, Chapadão da Babilônia.
- Anhangava, The Diamond, Blocantes, Guia de Montanha, Caraça, Marins-Itaguaraé.
- Guaratiba, Mulheres no Marumbi, Nordeste do Itabira, Costa Rica, Caderno Indoor.
- Rotas Piratas, Pedra da Boca, Baudrier e Loop, Patagônia, Bagé, Caderno Indoor.
- Salinás, Big Wall no Garrafão, Monte Roraima, Shipton, Pico União, Entalando-se Fácil, Caderno Indoor.
- Serra do Cipó, Conquista do Castelão-PNSO, Trekking no Vale do Paraíba, Gruta dos Três Lagos, Caderno Indoor.
- Pão de Açúcar, Trekking na Serra da Bocaina, Pedra do Sino, Caderno Indoor.
- Florianópolis, Big Wall no Ibitirati, Trekking na Bolívia, Caderno Indoor.
- Morro do Cuscuzeiro, Creatina e potência, novos points no Rio Grande do Sul, Anti-inflamatórios, Travessia da Serra Fina, Internacional, Indoor.
- São Luís do Purunã, Serra da Capivara - PI, Maria Comprida, Dor na Escalada, Trekking ao Pico da Neblina - I, Internacional, Indoor.
- Escalada Tradicional, Os Segundos Sete Cumes, Stack Line, El Chorro - Espanha, Eclipse Oculto - Pedra do Sino, Trekking ao Pico da Neblina - II, Internacional, Indoor.
- Cachoeira do Tabuleiro, Quixadá - CE, Boulders em Sorocaba, Grand Teton, Internacional, Indoor.
- Blocos dos Serranos, Diogo Ratacheski x Mr. Bill, vias do Dedo de Deus, Calcário do PR, Corda Dupla I, Internacional, Indoor.
- Pedra do Segredo, Seminário de Impacto, Patagônia - Saint Exupéry, Graduação Brasileira, Corda Dupla II, Internacional, Indoor.
- Campo-Escola 2000, Serra do Lenheiro, Workshop de resgate no Baú, Projeto Paredes de Minas, Técnica e Ética de Mínimo Impacto I, Internacional, Indoor.
- Pedra do Sino, Bouldering no Sul do Brasil, André Ilha e Antônio C. Magalhães, Novas rotas: Nefelibatas e Pedra do André, Técnica e Ética de Mínimo Impacto II, Internacional, Indoor.
- Morro dos Cabritos - RJ, Maria Comprida, Points Secretos, O Caminho do Sol, Forum Pró Serra Fina, Internacional.
- Edgar Kittelmann, Sulamericano de Boulder, Do kichute à sapatilha, Pedra do Itamarãem, Como ajudar os segurantes, Info Femej, Internacional.
- Paraíba, Pedra Riscada-MG, Resmont, Paradas, Minas do Camaquã, To bolt or not to be, Info Femej, Internacional.
- As super vias de Escalada, Tadeusz Hollup, Tempestades, Montanha de valores, Paulista 2003, Adote

- uma montanha, Info Femej, Internacional.
- Araçatuba-PR, Cerro Branco-RS, Bivague forçado, Amazônia, Leaning Tower-EUA, Cordilheira Huayhuash, Info Femej, Internacional.
- Prateleiras, Los Encardidos, Erwin Gröger, Trekking no Caraça, Padrão brasileiro de classificação de escaladas, Info Femej, Internacional.
- Guaratiba, Mulheres no Marumbi, Nordeste do Itabira, Costa Rica, Caderno Indoor.
- Rotas Piratas, Pedra da Boca, Baudrier e Loop, Patagônia, Bagé, Caderno Indoor.
- Salinás, Big Wall no Garrafão, Monte Roraima, Shipton, Pico União, Entalando-se Fácil, Caderno Indoor.
- Serra do Cipó, Conquista do Castelão-PNSO, Trekking no Vale do Paraíba, Gruta dos Três Lagos, Caderno Indoor.
- Pão de Açúcar, Trekking na Serra da Bocaina, Pedra do Sino, Caderno Indoor.
- Florianópolis, Big Wall no Ibitirati, Trekking na Bolívia, Caderno Indoor.
- Morro do Cuscuzeiro, Creatina e potência, novos points no Rio Grande do Sul, Anti-inflamatórios, Travessia da Serra Fina, Internacional, Indoor.
- São Luís do Purunã, Serra da Capivara - PI, Maria Comprida, Dor na Escalada, Trekking ao Pico da Neblina - I, Internacional, Indoor.
- Escalada Tradicional, Os Segundos Sete Cumes, Stack Line, El Chorro - Espanha, Eclipse Oculto - Pedra do Sino, Trekking ao Pico da Neblina - II, Internacional, Indoor.
- Cachoeira do Tabuleiro, Quixadá - CE, Boulders em Sorocaba, Grand Teton, Internacional, Indoor.
- Blocos dos Serranos, Diogo Ratacheski x Mr. Bill, vias do Dedo de Deus, Calcário do PR, Corda Dupla I, Internacional, Indoor.
- Pedra do Segredo, Seminário de Impacto, Patagônia - Saint Exupéry, Graduação Brasileira, Corda Dupla II, Internacional, Indoor.
- Campo-Escola 2000, Serra do Lenheiro, Workshop de resgate no Baú, Projeto Paredes de Minas, Técnica e Ética de Mínimo Impacto I, Internacional, Indoor.
- Pedra do Sino, Bouldering no Sul do Brasil, André Ilha e Antônio C. Magalhães, Novas rotas: Nefelibatas e Pedra do André, Técnica e Ética de Mínimo Impacto II, Internacional, Indoor.
- Morro dos Cabritos - RJ, Maria Comprida, Points Secretos, O Caminho do Sol, Forum Pró Serra Fina, Internacional.
- Edgar Kittelmann, Sulamericano de Boulder, Do kichute à sapatilha, Pedra do Itamarãem, Como ajudar os segurantes, Info Femej, Internacional.
- Paraíba, Pedra Riscada-MG, Resmont, Paradas, Minas do Camaquã, To bolt or not to be, Info Femej, Internacional.
- As super vias de Escalada, Tadeusz Hollup, Tempestades, Montanha de valores, Paulista 2003, Adote

## OLHA O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO COMPRA EQUINOX ...



Só  
**CORDURA®**  
atura



www.equinox.com.br

## esse é o nosso caminho

tom popp na domingos giobbi - pedra do baú - são bento do sapucaí/sp



foto theo ribeiro cadeirinhas mosquetões freios costuras fitas acessórios



kailash.com.br



Boa Viagem!



**SanTiago 45**

Mochila desenvolvida para caminhadas longas, com ampla abertura, capa de chuva embutida e baixíssimo peso: 1100g.



**TRIP 70+10**

Mochila desenvolvida para carregar toda a sua bagagem com conforto, permitindo esconder o estofamento e transformá-la em uma bolsa. Possui bolso frontal que se transforma em mochila.

www.conquistamontanhismo.com.br